

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação
Bacharelado em Relações Públicas

RENAN SPINDLER SILVA

EVENTOS ESPORTIVOS COMO PRÁTICA DE SPORTSWASHING:
UM ESTUDO SOBRE O “JOGO DA PAZ” ENTRE HAITI E BRASIL EM 2004

PORTO ALEGRE

2024

RENAN SPINDLER SILVA

**EVENTOS ESPORTIVOS COMO PRÁTICA DE SPORTSWASHING:
UM ESTUDO SOBRE O “JOGO DA PAZ” ENTRE HAITI E BRASIL EM 2004**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Relações Públicas da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. José Guibson Delgado Dantas

PORTO ALEGRE

2024

FICHA CATALOGRÁFICA

A ficha catalográfica, gerada pelo [Sistema para Geração Automática de Ficha Catalográfica para Teses, Dissertações e TCCs da UFRGS](#), deve ser copiada como imagem e colada aqui.

FOLHA DE APROVAÇÃO

RENAN SPINDLER SILVA

EVENTOS ESPORTIVOS COMO PRÁTICA DE SPORTSWASHING: UM ESTUDO SOBRE O “JOGO DA PAZ” ENTRE HAITI E BRASIL EM 2004

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial à obtenção do título de bacharel em Relações Públicas da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientador: Prof. Dr. José Guibson Delgado Dantas

Aprovado em: PORTO ALEGRE, 7 de fevereiro de 2024.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. José Guibson Delgado Dantas
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dra. Helenice Carvalho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dra. Enóí Dagô Liedke
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

AGRADECIMENTOS

A minha noiva e grande amor, Alessandra, que sem o incentivo de fazer o vestibular eu não voltaria à UFRGS e que, sem o apoio incondicional, encerrar esse ciclo não seria possível. Aos meus pais, Eliseu e Valesca, que desde sempre me mostraram o valor do único presente que nunca ninguém pode roubar: a educação. Aos meus avós, Paulo e Deliza, por acreditarem em mim e sempre me motivarem a alcançar tudo. Aos meus tios, Vinícius e Sandra, por compartilharem tantas experiências boas e servirem de exemplo em tantos momentos. A toda a minha família que me apoiou e me deu forças para chegar até esse momento.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. José Guibson Delgado Dantas, que aceitou o desafio de me acompanhar nesse trabalho, me motivou, apoiou e ajudou em todos os momentos nessa jornada.

Agradeço a Fabico, por todas as vivências, momentos, amizades e parcerias nesse longo caminho, em especial por colocar os amigos Thor e Júlia em minha vida. Por fim, agradeço a todos que de alguma forma participaram e contribuíram com a minha trajetória e a tornaram mais especial.

RESUMO

Nesse início de século, a crise política no Haiti foi aprofundada com o golpe de Estado que forçou a renúncia e o exílio do presidente eleito, Jean-Bertrand Aristide, em fevereiro de 2004. Um governo provisório assumiu o controle com a segurança proporcionada pela Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti (MINUSTAH), liderada pelo Brasil. Entretanto, antes do início da missão da ONU sob a responsabilidade do exército brasileiro, o governo federal, com o apoio da Confederação Brasileira de Futebol, organizou um jogo de futebol entre as seleções de futebol do Brasil e do Haiti em Porto Príncipe. Com o intuito de analisar esse evento na ótica das relações públicas internacionais, esta pesquisa foi desenvolvida com o objetivo de compreender como o governo brasileiro utilizou a seleção brasileira masculina de futebol como prática de sportswashing no amistoso contra o Haiti, em 2004, às vésperas do Brasil liderar a Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti - MINUSTAH. Para a sua elaboração, optou-se por construção metodológica qualitativa que consistiu num estudo de caso com a utilização das técnicas de pesquisa bibliográfica e documental com o propósito de estabelecer um corpus teórico que permitisse ao pesquisador entender o que estava por trás da organização do jogo em Porto Príncipe, numa época tão conturbada da história contemporânea do Haiti. A título de conclusão, verificou-se que a realização do amistoso foi planejada e executada para amenizar a hostilidade da população local em relação às tropas brasileiras a serviço da ONU, como também para melhorar a imagem do Brasil diante da comunidade internacional. Dessa forma, ambos propósitos configuram a partida entre Brasil e Haiti numa prática de Sportswashing.

Palavras-chave: Seleção Brasileira de Futebol, *Sportswashing*, Haiti, Relações Públicas Internacionais, *Soft Power*.

ABSTRACT

At the beginning of this century, the political crisis in Haiti was deepened with the coup d'état that forced the resignation and exile of the elected president, Jean-Bertrand Aristide, in February 2004. A provisional government took control with the security provided by the Mission of the United Nations for stabilization in Haiti (MINUSTAH), led by Brazil. However, before the start of the UN mission under the responsibility of the Brazilian army, the federal government, with the support of the Brazilian Football Confederation, organized a football game between the Brazilian and Haitian football teams in Port-au-Prince. In order to analyze this event from the perspective of international public relations, this research was developed with the aim of understanding how the Brazilian government used the Brazilian men's football team as a practice of sportswashing in the friendly match against Haiti, in 2004, on the eve of Brazil's lead the United Nations Stabilization Mission in Haiti - MINUSTAH. For its elaboration, we opted for a qualitative methodological construction that consisted of a case study using bibliographic and documentary research techniques with the purpose of establishing a theoretical corpus that allowed the researcher to understand what was behind the organization of the game. in Port-au-Prince, at such a troubled time in Haiti's contemporary history. In conclusion, it was found that the friendly match was planned and executed to alleviate the hostility of the local population towards Brazilian troops serving the UN, as well as to improve Brazil's image in the international community. In this way, both purposes configure the match between Brazil and Haiti in a practice of Sportswashing.

Keywords: Brazilian National Team, *Sportswashing*, Haiti, International Public Relations, *Soft Power*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Quadro de atores que compõem o Sistema Internacional	12
Figura 2 - Organograma de esferas de atuação das Relações Públicas Internacionais	12
Figura 3 - Fotografia da cerimônia de abertura das Olimpíadas do Rio de Janeiro ..	15
Figura 4 - Fotografia do Grande Prêmio do Catar 2021	16
Figura 5 - Fotografia de uma ação de divulgação da Copa do Mundo FIFA 2022 no Catar.....	17
Figura 6 - Fotografia do Emir do Catar, Tamim bin Hamad al Thani, na Copa 2022.	18
Figura 7 - Fotografia da festa pela compra do Newcastle United	19
Figura 8 - Quadro comparativo de uniformes do Newcastle United e Seleção da Arábia Saudita	20
Figura 9 - Mapa do Haiti.....	22
Figura 10 - Pintura da Revolução Haitiana (1791 - 1804).....	23
Figura 11 - Pintura de Touissant L'Ouverture	24
Figura 12 - Pintura de Jean Jacques Dessalines.....	25
Figura 13 - Pintura de León Dumarsais Estimé	27
Figura 14 - Fotografia de François Duvalier.....	28
Figura 15 - Fotografia de Papa Doc, em 1970.....	29
Figura 16 - Fotografia da milícia dos Tontons-Macoutes.....	31
Figura 17 - Fotografia de mural de Papa Doc, em Porto Príncipe (1975).....	32
Figura 18 - Fotografia de Baby Doc e Papa Doc (1971).....	33
Figura 19 - Fotografia de Jean-Claude Duvalier	34
Figura 20 - Fotografia de Jean-Bertrand Aristide	35
Figura 21 - Fotografia de um dos grupos de haitianos conhecidos como Boat people	36
Figura 22 - Fotografia de haitianos protestando contra invasão estadunidense	37
Figura 23 - Fotografia do ex-presidente Aristide voltando ao Haiti após sete anos...38	
Figura 24 - Fotografia da devastação causada pelo furacão Jeanne no Haiti (2004)39	
Figura 25 - Fotografia de veículo da ONU nas ruas do bairro de Bel-Air, em Porto Príncipe	41
Figura 26 - Organograma da MINUSTAH.....	42
Figura 27 - Fotografia de Celso Amorim, chanceler do governo Lula (2003 a 2011) 43	

Figura 28 - Fotografia do início do embarque do 24º Contingente para o Haiti	44
Figura 29 - Fotografia dos protestos contra MINUSTAH e a epidemia de cólera no Haiti	46
Figura 30 - Fotografia da favela de Cité Soleil	47
Figura 31 - Fotografia de Ronaldo levantando a taça de campeão do mundo em 2002	50
Figura 32 - Fotografia de partida da Brasil Global Tour	51
Figura 33 - Fotografia do comboio de blindados Urutus	54
Figura 34 - Mapa da distância entre aeroporto e estádio	54
Figura 35 - Fotografia dos jogadores desfilando nos blindados da MINUSTAH.....	55
Figura 36 - Seleções perfiladas em conjunto antes do jogo	56
Figura 37 - Fotografia de Parreira fazendo a preleção no vestiário	58
Figura 38 - Frame do documentário “O dia em que o Brasil esteve aqui”	59
Figura 39 - Frame de Fenelon Gabard no documentário “O dia em que o brasil esteve aqui”	62

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	O SPORTSWASHING COMO ESTRATÉGIA DE RELAÇÕES PÚBLICAS	11
2.1	RELAÇÕES PÚBLICAS INTERNACIONAIS NA ESFERA ESTATAL	11
2.2	O CONCEITO DE <i>SPORTSWASHING</i>	13
2.2.1	EXEMPLOS DE PRÁTICAS DE <i>SPORTSWASHING</i>	14
3	O HAITI E A MISSÃO DE ESTABILIZAÇÃO DA ONU	22
3.1	A CONTURBADA HISTÓRIA DO HAITI	22
3.2	VIDA E MORTE NO HAITI SOB A DINASTIA DUVALIER	26
3.3	A INSURGÊNCIA DE JEAN-BERTRAND ARISTIDE	34
3.4	A MINUSTAH – <i>MISSION DES NATIONS UNIES POR LA STABILISATION EM HAITI</i>	40
3.5	O PAPEL DO BRASIL NA MINUSTAH	42
4	O “JOGO DA PAZ”: HAITI 0 X 6 BRASIL (2004)	49
4.1	AS TRATATIVAS ENTRE GOVERNO FEDERAL E CBF PARA ORGANIZAÇÃO DO JOGO	49
4.2	A CHEGADA DA SELEÇÃO BRASILEIRA	52
4.3	O TRAJETO ATÉ O ESTÁDIO SYLVIO CATOR	54
4.4	O JOGO E A FESTA DA TORCIDA HAITIANA	56
4.5	A REPERCUSSÃO DO JOGO	60
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	64
	REFERÊNCIAS	66

1 INTRODUÇÃO

Os esportes sempre estiveram presentes em nossa história, assim como os grandes eventos esportivos, com exemplos até na antiguidade clássica grega, período no qual foram criadas as olimpíadas. Esses tipos de acontecimentos têm impacto para as sociedades que os cercam e geram consequências para os atores envolvidos de variadas formas. Dada a visibilidade e projeção que esse tipo de megaevento proporciona, eles muitas vezes são utilizados por nações como ferramenta política.

O mundo globalizado cria suas disputas em diversas arenas, entre elas, o sistema internacional, âmbito no qual ocorrem as relações internacionais (DANTAS, 2023) e que possui um grande potencial para o desenvolvimento de práticas e reflexões sobre a atividade de relações públicas, pois a construção de imagens e relacionamentos entre as nações necessitam de uma série de estratégias que perpassam muitos campos diferentes.

Ao se dar conta da visibilidade gerada pelos eventos esportivos e mais especificamente pelo futebol, muitos países passam a utilizá-los como uma forma de amenizar conflitos externos e internos, bem como uma maneira de manipular a opinião pública internacional sobre determinados aspectos controversos do país.

Em 2004, quando ostentava o título de campeã mundial, a seleção brasileira fez um de seus amistosos mais marcantes, que ficou conhecido popularmente como “Jogo da Paz” no Haiti. A partida teve como pano de fundo um Haiti em grave crise após o golpe de estado e diversas revoltas. Na ocasião, o país se preparava para receber as tropas brasileiras, que foram incumbidas de liderar a Missão de Paz das Nações Unidas pela Estabilização do Haiti, também conhecida como MINUSTAH. Em um contexto de revolta armada, o governo brasileiro decide acionar um de seus instrumentos mais poderosos de *soft power* para estabelecer uma estratégia diplomática: fazer uso da seleção brasileira masculina de futebol para realizar um jogo amistoso no Haiti.

Este estudo foi desenvolvido com o intuito de entender este episódio na ótica das relações públicas internacionais e compreender como o governo brasileiro utilizou a seleção brasileira masculina de futebol como prática de *sportswashing* no amistoso contra o Haiti, em 2004, às vésperas do Brasil liderar a Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti - MINUSTAH.

Para isso, optou-se por uma construção metodológica qualitativa que consistiu em um estudo de caso (YIN, 2005) com o uso das técnicas pesquisa bibliográfica e documental com o propósito de estabelecer um *corpus* teórico que permitisse ao pesquisador entender o que estava por trás da organização do jogo em Porto Príncipe, numa época tão conturbada da história contemporânea do Haiti.

A escolha da temática se deu pelo interesse e experiência profissional do autor no âmbito dos negócios esportivos, bem como pela relevância histórica do evento. Além disso, o tema escolhido trata de um assunto que tem cada vez mais impacto em nossa sociedade, sobretudo com o advento das tecnologias digitais, em que os países buscam se posicionar e expor seus costumes, culturas e tradições. Em tempos de globalização, essas exposições são essenciais para que os países logrem relevância no cenário internacional. O esporte e os eventos esportivos são, historicamente, uma ferramenta poderosa de exportação de cultura e, também, de demonstração de força política em variados formatos.

O presente trabalho foi estruturado em cinco capítulos, sendo que o primeiro se trata desta introdução. O segundo capítulo é dedicado à criação dos alicerces teóricos que vão basear a análise. Nele, discute-se a atuação das Relações Públicas Internacionais na esfera estatal para, em seguida, apresentar os conceitos de *soft power*, cunhado por Nye (2004), e uma discussão conceitual sobre o *sportswashing* – prática muito utilizada por alguns países para melhorar reputações desgastadas por ações vistas como negativas pela opinião pública internacional. Finalmente, para uma melhor compreensão do conceito, são elencados alguns exemplos da prática de *sportswashing*.

O terceiro capítulo dá foco à conturbada história do Haiti, desde a colonização, passando por sua excepcional conquista da independência, pela dinastia Duvalier, pelo governo de Jean Bertrand Aristide até a deterioração política e social no país no início desse século - situação que motivou a ONU a criar a MINUSTAH.

O quarto capítulo consiste na elaboração da análise do objeto central dessa pesquisa, que é o amistoso realizado em Porto Príncipe no dia 18 de agosto de 2004, bem como sua repercussão e a reflexão sobre a utilização da seleção brasileira como ferramenta de *sportswashing*. Finalmente, no quinto e último capítulo são apresentadas as considerações finais.

2 O SPORTSWASHING COMO ESTRATÉGIA DE RELAÇÕES PÚBLICAS

2.1 RELAÇÕES PÚBLICAS INTERNACIONAIS NA ESFERA ESTATAL

Os estudos sobre as Relações Públicas Internacionais no Brasil remontam a meados dos anos 1970, época em que as Relações Públicas já estavam consolidadas com a publicação de vários livros que versavam sobre o assunto - entre eles “Para entender relações públicas”, escrito por Cândido Teobaldo de Souza Andrade, em 1962, que foi o primeiro livro sobre relações públicas publicado em toda América Latina (Andrade, 1983).

Na bibliografia corrente encontram-se várias definições sobre o que é Relações Públicas Internacionais. A título de exemplos, Andrade (1994, p. 125) a entende como um “método de ação que visa a fomentar a compreensão entre os povos, utilizando-se de técnicas próprias, ajustadas às culturas, tradições e características raciais locais”. Já Brasil (1977, p.21) a define como:

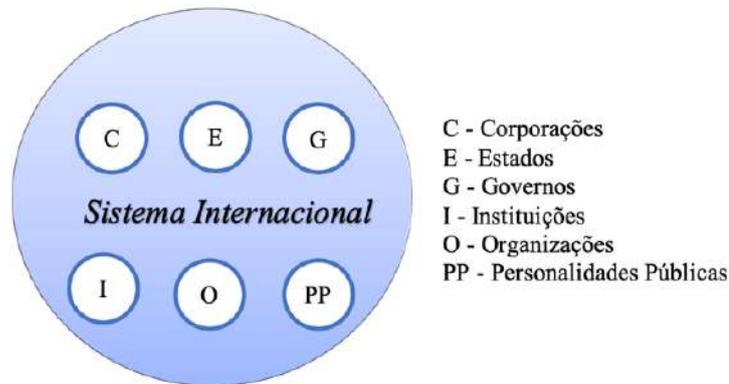
Um conjunto de medidas, iniciativas, esforços e formas práticas de ação e expressão, que visam obter mais estreito e produtivo relacionamento entre os povos, no sentido de estimular e facilitar o entendimento, a coexistência e a cooperação entre eles; no sentido também de fomentar melhores e mais amplas atividades de intercâmbio comercial e industrial; e finalmente, com o objetivo de ampliar os níveis de cultura geral, através de mútuas facilidades de acesso aos respectivos patrimônios e instrumentos de cultura.

Em ambas as conceituações clássicas, observa-se que os autores enxergam as Relações Públicas Internacionais como uma prática facilitadora de relações entre os diferentes atores internacionais, com o objetivo de promover trocas comerciais e culturais entre eles, possibilitando uma maior integração global em variados âmbitos.

Com o avanço das tecnologias de comunicação e informação, houve uma reconfiguração nas relações vigentes no sistema internacional¹, com a ampliação em termos de quantidade e tipologia de atores que atuam nesse ambiente (Figura 1).

¹ Sistema internacional, de acordo com Dias (2010, p. 47), “é o cenário em que ocorrem as relações internacionais”.

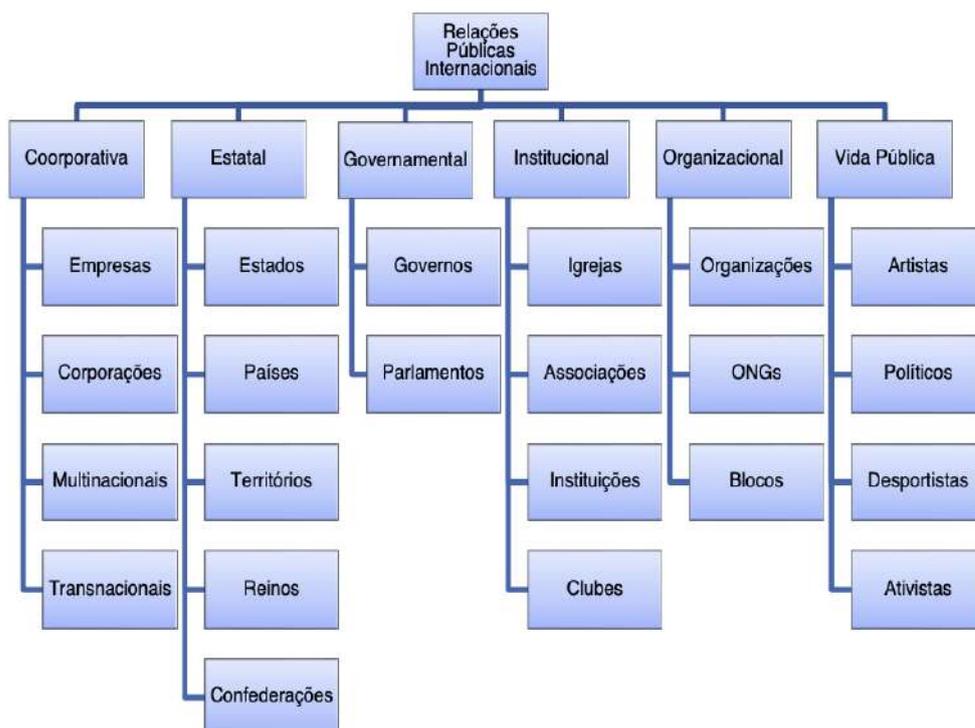
Figura 1 - Quadro de atores que compõem o Sistema Internacional



Fonte: Dantas (2023)

Por conta disso, Dantas (2023), com o intuito de ampliar o leque de opções para o desenvolvimento de pesquisas sobre temas internacionais na alçada da Comunicação, forjou seis esferas de atuação em Relações Públicas Internacionais: corporativa, estatal, governamental, institucional, organizacional e vida pública (Figura 2).

Figura 2 - Organograma de esferas de atuação das Relações Públicas Internacionais



Fonte: Dantas (2023)

Entre as seis esferas de atuação em Relações Públicas Internacionais dentro do sistema internacional – elemento norteador das análises dentro desse subcampo de estudo -, se destaca a esfera estatal, isto é, o lugar onde os Estados se interrelacionam. É nesse ambiente que os Estados se utilizam de instrumentos de *soft power*² para aumentar sua projeção e consequente influência internacional.

2.2 O CONCEITO DE *SPORTSWASHING*

A utilização de estratégias de Relações Públicas por parte dos Estados pode ser vista em diferentes terrenos com o objetivo de estabelecer um posicionamento claro frente aos demais atores internacionais. Esse posicionamento se dá através de mecanismos aplicados às estratégias de exploração de diferentes capitais em posse deles como, por exemplo, o capital cultural. Entre as várias práticas que fazem parte do universo do *soft power*, destaca-se o *sportswashing*, isto é, uma prática empreendida por Estados, governos, organizações, corporações ou indivíduos, de usar o esporte como estratégia de reconstrução da reputação pública que foi desgastada por ações temerárias cometidas no passado. De acordo com Coluccia e Giustini (2022), o *sportswashing* pode ser realizado através da organização de eventos esportivos, da compra ou patrocínio de times, ou da participação em um esporte.

O termo importado da língua inglesa surge nos anos 2000 com o objetivo de denominar o esporte e sua visibilidade pública como uma ferramenta de persuasão, formação ou alteração da opinião pública em relação a determinado ator internacional, podendo ser ele uma nação, empresa ou organização (MAIA, 2023).

O esporte, em sua essência, possui um grande potencial transformador. Ele possibilita aos praticantes amadores uma maior qualidade de vida com inúmeros benefícios à saúde, é fonte de renda para atletas profissionais de todos os níveis e, acima de tudo, um instrumento presente na cultura capitalista na qual estamos inseridos, pois movimenta uma quantidade praticamente imensurável de dinheiro nos

² *Soft power* é um conceito criado pelo cientista político estadunidense Joseph Nye que denota “a capacidade de um Estado em exercer influência e poder sobre o comportamento dos demais atores internacionais” (Dantas, 2023b, p. 2)

mais variados âmbitos. De acordo com o relatório elaborado anualmente pela Deloitte (DELOITTE, 2023), uma das mais respeitadas empresas de auditoria no mundo, na temporada 2021/2022, apenas os vinte clubes de futebol que mais faturam no mundo movimentaram o montante de 9,2 bilhões de Euros, representando um aumento de 13% em relação à temporada anterior.

É também através dos esportes profissionais que surgem ídolos, exemplos e paixões com impacto único na percepção e opinião dos grandes públicos sobre determinados assuntos. Considerando esses últimos fatores, é inevitável pensar que, com esse volume de capital e influência circulando na indústria do esporte, ele passa a ser um instrumento atrativo para diversos atores internacionais que almejam fortalecer seu *soft power* (ALMEIDA e PEREIRA, 2022).

É a partir dessa constatação que a atividade lúdica se converte em *sportswashing*. Tal prática pode ser utilizada de diversas maneiras e em diversos âmbitos, porém, na grande maioria das vezes podemos perceber que o *sportswashing* é utilizado como um instrumento para mascarar e/ou ressignificar ações cometidas anteriormente ou que ainda serão executadas pelos atores em questão que tiveram resultados prejudiciais para imagem do mesmo frente à comunidade internacional.

Por conta disso, comumente as práticas de *sportswashing* estão relacionadas a comportamentos condenáveis pela opinião pública, fazendo com que alguns autores – como, por exemplo, Maia (2023) – passem a enxergar as práticas de *sportswashing* como uma estratégia de propaganda política internacional, uma vez que o evento ou clube no qual foi investida a verba serve como um recurso para a criação de uma nova versão sobre a essência e as práticas desenvolvidas pela nação ou organização.

2.2.1 EXEMPLOS DE PRÁTICAS DE SPORTSWASHING

A partir do entendimento do conceito de *sportswashing* é possível identificar o uso dessa prática em diferentes eventos pelo mundo. Aliás, a realização de megaeventos esportivos apresenta oportunidades de grande importância para países que possuem o objetivo de veicular uma imagem positiva de si para os demais países que integram o sistema internacional. O próprio governo brasileiro soube utilizar muito bem essa estratégia em seu território em um ciclo que se inicia em 2007 com a realização dos jogos Pan Americanos no Rio de Janeiro e se encerra após o acontecimento da Copa do Mundo de Futebol Masculino em 2014 e as Olimpíadas

Rio 2016 (Figura 3). Na ocasião, o Brasil apresentou ao mundo uma infraestrutura urbana nova e estádios modernos, além de empreender ações que reforçaram a imagem internacional do país. A mesma estratégia foi utilizada no amistoso entre Haiti e Brasil em 2004, tema deste trabalho.

Esses eventos possuem, além de grande relevância midiática internacional, podendo ter bilhões de telespectadores, uma grande movimentação financeira devido aos diversos acordos firmados com a iniciativa privada e o poder público. Por esses motivos, é fácil compreender a disputa entre diversos Estados, principalmente da península arábica, para sediar tais eventos. As primeiras três décadas do século XXI estão sendo marcadas pela proeminência desses países no cenário esportivo e geopolítico internacional.

Figura 3 - Fotografia da cerimônia de abertura das Olimpíadas do Rio de Janeiro



Fonte: Época (2016)

A Fórmula 1, por exemplo, acontece desde 2004 na região, com a primeira prova acontecendo no Bahrein, depois sendo o evento sediado nos Emirados Árabes Unidos e recentemente, em 2021, no Catar (Figura 4). O desejo de investimento nos megaeventos se estende aos esportes olímpicos, com a Arábia Saudita sendo eleita a sede dos Jogos Olímpicos de Inverno de 2029.

Figura 4 - Fotografia do Grande Prêmio do Catar 2021



Fonte: F1Mania (2021)

O futebol também se tornou um grande aliado nos esforços de *sportswashing* do Golfo Pérsico com a Copa Mundial de Clubes FIFA e a Copa do Mundo de Seleções FIFA 2022, sem mencionar a compra de clubes profissionais da elite do futebol europeu e os pesados investimentos na Saudi Pro League (Liga Profissional da Arábia Saudita).

Os esforços para sediar eventos da Fórmula 1 e da Copa do Mundo, por exemplo, têm como objetivo impulsionar a imagem de uma nação em alinhamento com a modernidade, bem como uma aproximação com o ocidente que, periodicamente, voltam seus olhares para os países sede. O Catar, por exemplo, está localizado no Oriente Médio, na península Arábica no Golfo Pérsico. Mesmo sendo um país de pequenas proporções territoriais e populacionais, essa nação árabe tem se destacado no cenário internacional devido aos esforços de *soft power* realizados nos últimos anos. Levando em consideração a estratégia de investimento estabelecida pelo Estado catari, podemos entender que o objetivo do país se voltou para o convencimento da opinião pública ocidental em relação à imagem da nação. O foco no ocidente pode ser percebido pelo fato de que os esportes escolhidos para investimento são aqueles que possuem grande visibilidade e apelo entre as populações ocidentais, principalmente europeias (ALMEIDA; PEREIRA, 2022).

O ano de 2022 nos apresentou novidades e retornos para o mundo do futebol, como por exemplo a volta das torcidas para as arquibancadas após o período de

pandemia, o que, de acordo com o relatório Deloitte Football Money League (DELOITTE, 2023), teve papel fundamental no aumento da arrecadação dos clubes como um todo. Além disso, pela primeira vez na história, uma Copa do Mundo ocorreu no mês de novembro após muitos anos sendo realizada no segundo trimestre do ano (entre junho e agosto) e esse fato se deve às condições climáticas do Catar, país sede do evento.

Assim como a época do ano, o local da Copa do Mundo FIFA 2022 também foi uma novidade, pois a entidade maior do futebol nunca tinha realizado sua principal competição no Oriente Médio (Figura 5). A escolha feita pela FIFA em 2010 foi o início de projeto ousado de projeção internacional do Catar para a ampliação de diversos setores de sua economia, com destaque para o turismo e exportações de recursos naturais.

A promoção da imagem exterior catari teve o objetivo de apresentar algumas características atrativas do país - como a infraestrutura urbana, que possibilitou a experiência única de que os torcedores pudessem assistir mais de uma partida no mesmo dia em estádios diferentes devido à curta extensão territorial do local - e os altos investimentos para a realização do evento, que contou com um orçamento estimado de 229 bilhões de dólares, equivalente a mais de um trilhão de reais (LIMA, 2022).

Figura 5 - Fotografia de uma ação de divulgação da Copa do Mundo FIFA 2022 no Catar



Fonte: Exame (2022)

A conquista catari em sediar da Copa do Mundo FIFA de 2022 foi parte essencial de um amplo programa de relações públicas internacionais que visa

promover a sua imagem e, também, proporcionar a oportunidade de estreitar as relações diplomáticas com diversos países para eventualmente atrair investimentos estrangeiros, fomentar a exportação de produtos nacionais e o turismo local (Figura 6). Desse modo, podemos perceber que a competição que acontece dentro de campo é apenas um detalhe em meio às pretensões do país em termos globais (MARQUES; MACEDO, 2023).

Figura 6 - Fotografia do Emir do Catar, Tamim bin Hamad al Thani, na Copa 2022



Fonte: O contexto (2022)

Em tempos recentes, por sua vez, um dos países que tem mais se destacado em seus esforços de *sportswashing* é a Arábia Saudita. O controverso país tem investido milhões de dólares no futebol como ferramenta estratégica de projeção internacional. O país é a atual sede do Mundial de Clubes FIFA e tem feito altos investimentos em sua liga nacional, a *Saudi Pro League*, atraindo jogadores renomados da primeira divisão inglesa (*Premier League*), e astros como Cristiano Ronaldo, Benzema e Neymar.

Além disso, em 2022, o governo saudita, através do Fundo de Investimento Público (FIP) que é controlado pelo príncipe herdeiro Mohammad bin Salman bin Abdulaziz Al-Saud, adquiriu um tradicional clube *Premier League*, o *Newcastle United Football Club* (NUFC) (PEREIRA, 2023).

Embora o acordo tenha ocorrido em 2020, a compra só foi finalizada em 2022, pois a *Premier League* tinha, inicialmente, barrado o negócio com a alegação de que o comprador não atendia aos critérios estabelecidos pela Liga e que clube não poderia ser adquirido por um fundo ligado a um Estado acusado de violações de direitos

humanos. Entretanto, pouco tempo depois, a *Premier League* decidiu aprovar a compra do *Newcastle* pelo FIP, o que foi amplamente criticado por diversos atores políticos internacionais que acusam repetidamente a Arábia Saudita de praticar *Sportswashing* (Figura 7).

Figura 7 - Fotografia da festa pela compra do Newcastle United



Fonte: BBC News (2022).

A aquisição gerou uma nota da liga por parte da *Premier League* em que a instituição alegava ter recebido garantias jurídicas vinculativas de que o Reino da Arábia Saudita não controlará o *Newcastle* (ESPN, 2021). Apesar disso, a ligação do clube inglês com seu verdadeiro mecenas é evidente em diversas ações realizadas pelo mesmo como, por exemplo, o lançamento de sua 3ª camisa na temporada passada (2022/2023). As cores originais do *Newcastle* são o preto e o branco em um tradicional uniforme listrado. Porém, após a mudança de proprietário do clube, foi adotado um uniforme reserva na cor verde e, na temporada 2022/2023, o *Newcastle* lançou um terceiro uniforme que lembra muito o utilizado pela seleção nacional da Arábia Saudita (Figura 8).

Figura 8 - Quadro comparativo de uniformes do Newcastle United e Seleção da Arábia Saudita



Fonte: Montagem elaborada pelo autor

A própria escolha do *Newcastle* como alvo do investimento é estratégica, pois trata-se de um clube com grande torcida, mas que historicamente sempre ocupa posições intermediárias na tabela e que raramente compete por títulos. Isso facilita a percepção, por parte dos adeptos do futebol, da mudança de resultado nas eras pré e pós saudita. Além disso, a *Premier League* por si só possui um alto potencial atrativo, sendo uma das ligas mais reconhecidas e assistidas em todo o mundo.

O alto investimento de dinheiro em ativos poderosos de um país por outro Estado tem importantes consequências políticas e diplomáticas. Dessa forma, a compra de um clube popular de uma liga de futebol milionária com a promessa de um

projeto de desenvolvimento com alto volume de capital é responsável por uma aproximação entre os líderes políticos dos Estados – que vai além das organizações envolvidas nas negociações. Essa característica que está presente na prática de *sportswashing* tem o poder de criar e estreitar relações diplomáticas entre nações que possuem objetivos conflituosos que sobressaem ao campo esportivo. Um exemplo disso é que, durante a negociação de compra do *Newcastle*, após o FIP ser barrado como comprador pela *Premier League*, o governo Boris Johnson interveio e ajudou a facilitar um caminho para que as duas partes chegassem a um acordo favorável, como revelou a matéria do tabloide *The Guardian* (CONN, 2022).

Assim sendo, pode-se deduzir que os esforços de *sportswashing* têm uma atuação ainda mais ampla e poderosa do que uma simples manipulação da imagem do país junto à opinião pública internacional. Essa ferramenta de *soft power* abre possibilidades no campo diplomático para que os Estados possam estabelecer diálogos e tensionamentos nas mais diversas temáticas que possuem consequências de grande magnitude para a população mundial. Ações como a “simples” compra de um clube, sediar um evento esportivo ou utilizar uma equipe esportiva como representante do país podem catalisar mudanças drásticas no cenário local e global. Foi o caso, por exemplo, do jogo da seleção brasileira, em 2004, no Haiti - país mais pobre do continente americano - que será exposto no próximo capítulo.

3 O HAITI E A MISSÃO DE ESTABILIZAÇÃO DA ONU

3.1 A CONTURBADA HISTÓRIA DO HAITI

O Haiti é um país localizado na América Central, onde se estende por aproximadamente um terço da Ilha Hispaniola, ou São Domingos, que é dividida com a vizinha República Dominicana, no arquipélago das Grandes Antilhas (Figura 9). Esse é um local caracterizado por um “território com intensa instabilidade tectônica, sujeita a terremotos, maremotos e furacões que se formam naquela região” (FERREIRA, 2022).

Figura 9 - Mapa do Haiti



Fonte: Enciclopédia Global (2018)

A nação caribenha possui uma população de mais de 11 milhões de pessoas, de acordo com o levantamento do Banco Mundial (BANCO MUNDIAL, 2023), das quais cerca de 3 milhões estão localizadas na capital Porto Príncipe

(JOSEPH; SILVA, 2023). A população do Haiti é majoritariamente negra, falante dos idiomas francês e crioulo, e o país é apontado como a nação mais pobre das Américas, pois possui uma economia dependente da agricultura focada na cana-de-açúcar, milho, mandioca, manga, goiaba e vegetais. O país não é desenvolvido em termos industriais e a pouca atividade nesse âmbito se restringe aos setores têxtil, do refino de açúcar, moagem de farinha, montagem e cimento, além do setor de serviços (FERREIRA, 2022).

Previamente habitada por povos originários das etnias Aruaques e Caraíbas, o Haiti fez parte dos roteiros das grandes navegações espanholas que, em 1492, levaram as Naus de Cristóvão Colombo a ancorarem em uma ilha que ele nomeia de Hispaniola (GORENDER, 2004). Dois séculos depois, após praticamente dizimar a população originária com escravidão, assassinatos e doenças, uma região no oeste da ilha é cedida à França.

O local, sob domínio francês, torna-se a mais próspera colônia dos europeus, produzindo e exportando em larga escala produtos como açúcar, café e cacau, contando com o trabalho forçado de mais de meio milhão de escravizados (GORENDER, 2004). Durante o século XVIII, o colonialismo europeu atingiu uma infinidade de localidades ao redor do mundo, trazendo uma quantidade inestimável de riquezas para, principalmente, as famílias reais. Ao mesmo tempo, em seu próprio território, a França protagonizou um movimento revolucionário que teve repercussão e consequências de extrema importância em todo o mundo, sobretudo no Ocidente (Figura 10).

Figura 10 - Pintura da Revolução Haitiana (1791 - 1804)



Fonte: SADER (2012)

O caso do Haiti se destaca entre as outras conquistas de independências dos países das Américas, pois é o único protagonizado por escravizados. Após alguns anos de falta de liderança e organização, surge Touissant L'Ouverture, o líder da insurgência que foi figura central na organização do movimento, pois possuía uma trajetória que lhe proporcionou o acesso à leitura e conhecimentos de política, economia, militarismo e administração (Figura 11). Desse modo, ao assumir a liderança desse movimento, L'Ouverture faz com que “Do caos de São Domingos, que existia então e perduraria pelos anos que se seguiram, ele deitaria as fundações de um Estado negro que dura até os dias de hoje.” (JAMES, 2010, p. 6).

Figura 11 - Pintura de Touissant L'Ouverture

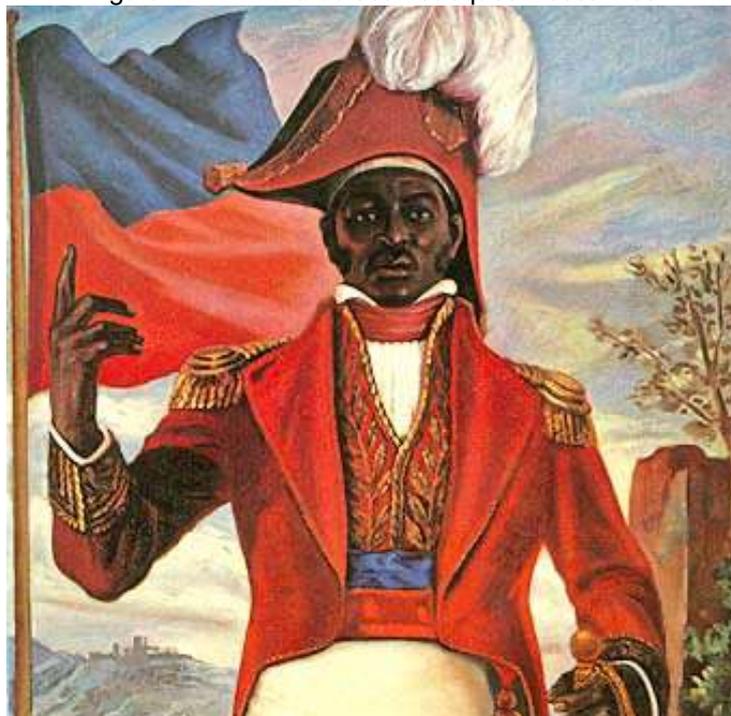


Fonte: Wikipedia (2024)

Por ter um reconhecido espírito de liderança e um grau de instrução acima da média, Touissant L'Ouverture se tornou um líder admirado e levou suas tropas com grande disciplina e organização à vitória sobre os exércitos francês, espanhol e inglês. Ao obter o sucesso militar, o líder haitiano buscou administrar o território seguindo preceitos extremamente questionáveis para o desenvolvimento da recente nação independente. L'Ouverture perseguiu incansavelmente o reconhecimento e apoio de Napoleão Bonaparte ao enviar diversas cartas para o imperador francês reafirmando a lealdade da nação à França, sendo constantemente ignorado por Bonaparte, que tinha “planos opostos aos dos ex-escravos no referente ao regime colonial” (GORENDER, 2004, p. 298).

Além disso, L'Ouverture decide manter a produção de açúcar como principal motor da economia do país, desse modo, força os cidadãos (agora homens livres) a voltar ao trabalho nas plantações, mantendo as rotinas exaustivas e a propriedade e responsabilidade de coordenação das produções das fazendas com os brancos. Essas decisões, juntamente com o fuzilamento de seu sobrinho Moïse, que tinha se rebelado contra as condições impostas, levam Touissant a perder a confiança de seus liderados.

Figura 12 - Pintura de Jean Jacques Dessalines



Fonte: AMHE (2020)

Em uma investida para retomar o poder na ilha, Napoleão envia seu cunhado General Leclerc para acabar com a revolução e, posteriormente, restabelecer o regime escravista. Após vitórias iniciais e, também, a prisão e posterior morte de L'Ouverture em Paris, Leclerc sofre com um alto número de baixas em sua armada e, em 1802, vem a falecer de febre amarela. Os então líderes das tropas haitianas, como Jean Jacques Dessalines, mantiveram o combate, derrotaram e expulsaram o exército de Napoleão (JAMES, 2010). Gorender (2004, p. 300) afirma que “Bonaparte conseguiu restabelecer a escravidão em outras possessões francesas, não, porém, na pátria de Toussaint”.

Jean Jacques Dessalines é coroado como imperador do território em 1804 e governa com o aval da Inglaterra e dos Estados Unidos (Figura 12). A partir daí, de acordo com Gorender (2004, p. 300), a população haitiana obtém, de fato, sua liberdade: p.

Definitivamente livre do trabalho compulsório nas plantações de cana e nos engenhos de açúcar. Sob as presidências de Pétion e Boyer, passaram a se dedicar à tradição herdada da África, ou seja, à agricultura de subsistência. O Haiti saiu do mercado mundial do açúcar e eliminou a possibilidade de progredir em direção a um nível econômico superior. De colônia mais produtiva das Américas passou a país independente pauperizado e fora de um intercâmbio favorável na economia internacional

Apesar disso, os obstáculos para desenvolvimento do país não se resumiram à decisão de tornar a agricultura de subsistência o principal modelo econômico do local. Jacob Gorender (2004, p.301) afirma que:

(As dificuldades) Deveram-se também, e não menos, à quarentena, que lhe impuseram até mesmo as nações latino-americanas recém-emancipadas. Quando exilado, Simon Bolívar encontrou abrigo no Haiti, onde recebeu de Pétion proteção, ajuda financeira, dinheiro, armas e até uma prensa tipográfica. No entanto, Simon Bolívar excluiu o Haiti dos países latino-americanos convidados à Conferência do Panamá, em 1826. O isolamento internacional acentuou o atraso e agravou as dificuldades históricas, após uma das mais heróicas lutas emancipadoras do hemisfério ocidental

3.2 VIDA E MORTE NO HAITI SOB A DINASTIA DUVALIER

Em meados do século XX, uma nova organização política começa a se desenvolver em Porto Príncipe e, em 1946, León Dumarsais Estimé (Figura 13) ascende ao posto de presidente do Haiti através de eleições indiretas, tornando-se o

primeiro político a representar a maioria negra como chefe do executivo do país (SALLES, 2012).

Figura 13 - Pintura de León Dumarsais Estimé



Fonte: Wikipedia (2024)

Durante o governo de Estimé, um médico negro nascido na capital haitiana ingressa na política ao servir como diretor do Serviço de Saúde Pública e, posteriormente, como ministro do Trabalho e de Saúde Pública, cargo que mantém até o ano de 1949 (ROHTER, 1997), sendo considerado um dos aliados mais confiáveis do presidente. François Duvalier, ou Papa Doc, como ficaria conhecido, era de origem pobre, filho de camponeses que, com o apoio de sua rede familiar, se formou em medicina pela *École de Médecine de Port-au-Prince* em 1934, aos 27 anos. Em sua carreira como médico, trabalhou em hospitais espalhados pelo país e integrou campanhas de saúde com o objetivo de erradicar doenças tropicais, o que lhe permitiu visitar diversas áreas no interior do Haiti. Além disso, o médico e político se dedicou a escrever ensaios nacionalistas sobre o Haiti que viriam a ser parte essencial de suas diretrizes governamentais (PESCHANSKI, 2017).

No ano de 1950, as Forças Armadas haitianas, sob o comando do Coronel Paul Magloire, promoveram um golpe de Estado que depôs Estimé e conduziu o militar à presidência do Haiti. Nesse momento, Duvalier abandona seu cargo de ministro, mas

se mantém como uma figura participante e influente de oposição ao governo, tornando-se um dos principais e mais duros críticos de Magloire, principalmente ao se posicionar como o sucessor direto do trabalho desenvolvido por Estimé - que vem a falecer em 1953.

Nos anos que se seguiram, Duvalier foi responsável por uma forte campanha contra o governo do militar nas eleições de 1956 (Figura 14). Papa Doc se lançou como candidato à presidência “levantando a bandeira da valorização da negritude da nação haitiana [...] prometendo colocar seu governo a serviço da afirmação dos valores e tradições da população negra” (SALLES, 2012, p. 5). Com uma estratégia inteligente de conquista da população através desse mote, Duvalier logrou a adesão das grandes massas e, em 1957, foi eleito presidente do Haiti “com 70% dos votos válidos, no primeiro exercício de sufrágio universal até então realizado no Haiti” (SALLES, 2012, p. 5).

Figura 14 - Fotografia de François Duvalier



Fonte: Portal Contemporâneo da América Latina e Caribe (2017)

A brutalidade - que foi uma das características do governo de Papa Doc - não era uma novidade no país. Durante a campanha eleitoral do mesmo, “seus apoiadores civis usaram de atos violentos [...] em parte por conta da cumplicidade de oficiais do Exército que eram seus partidários” (ANDRADE, 2019, p. 1). Antes mesmo de assumir o poder, Duvalier já contava com uma série de apoiadores que formavam praticamente

uma organização paramilitar que, posteriormente, daria origem ao grupo dos *Tontons Macoutes*.

A estratégia de cooptação dos membros dessas organizações era, entretanto, novidade para a população, pois ela se baseava em uma seleção a partir das classes sociais, buscando recrutar cidadãos provenientes das camadas mais baixas como “artesãos e pequenos proprietários, profissionais liberais, que formavam um tipo de alto comando” (ANDRADE, 2019, p. 1). Assim, Duvalier conseguia recrutar uma grande quantidade de pessoas a um custo muito baixo e com um alto grau de fidelidade ao seu governo.

Após assumir o poder em 1957, em seu discurso, Papa Doc promete uma intensa e significativa mudança no Haiti e, a partir desse momento, inicia seu processo de isolamento no poder. Ele entende que apenas uma importante mudança institucional poderia proporcionar o poder de maneira definitiva e, por isso, rompe com os dois tradicionais espectros da política: a esquerda e a direita. Assim, procede um grande movimento de dispersão do povo haitiano rumo a países como França, Estados Unidos, Canadá e até mesmo ao Vaticano, pois a Igreja Católica também se torna uma opositora do então presidente (ANDRADE, 2019).

Figura 15 - Fotografia de Papa Doc, em 1970.



Fonte: About History Team (2015)

De acordo com Andrade (2019), François Duvalier foi um político e ditador extremamente pragmático (Figura 15). Suas ações e decisões políticas visavam apenas a manutenção de poder e o enriquecimento pessoal e, para isso, ele não hesitou em mudar de opinião sobre seus inimigos, aliados e seus próprios discursos com certa frequência. Exemplo disso é o compromisso inicial assumido, em sua campanha, com o fortalecimento da população negra e com o nacionalismo, que parece entrar em vigor juntamente com seu governo, mas ao passo que seu regime se torna mais estável, com o passar do tempo, as pautas perdem força em favor do benefício pessoal. Conforme seu poder fica mais evidente e seguro, a figura carismática e preocupada com o bem-estar e desenvolvimento da população haitiana vai deixando de ser necessária, e o regime ditatorial fica mais evidente.

Entre 1962 e 1963, o então presidente dos Estados Unidos, John Kennedy, decide se distanciar de Duvalier na tentativa de alçar alguns conservadores haitianos ao poder como forma de estabelecer um governo que não questionasse as medidas estadunidenses. Em resposta, Papa Doc rompe as relações com os Estados Unidos e expulsa a missão militar estadunidense do país. Apenas com a chegada de Lyndon Johnson à presidência que o contato é retomado, e o regime Duvalierista incrementa suas ações autoritárias e repressivas contra a população.

Como mencionado anteriormente, a violência e a brutalidade foram características marcantes da dinastia Duvalier. Desde as eleições, os grupos paramilitares fiéis ao governante espalharam terror por todo o território haitiano. Ao chegar ao poder, Papa Doc percebe que o exército poderia ser um obstáculo ao seu regime, tendo em vista que eles haviam aplicado um golpe de Estado em seu antigo aliado, Estimé, e que possuíam uma certa autonomia em relação aos poderes do Estado haitiano.

Por esses motivos, com o apoio dos Estados Unidos, Duvalier substituiu todos os líderes do alto comando por novos comandantes adeptos ao seu regime e que tiveram treinamentos realizados pelos Marines estadunidenses, além de fechar a Academia Militar. Esses jovens comandantes eram provenientes das classes mais baixas da população e, mesmo não conseguindo fazer uma reposição completa no alto escalão do Exército, Duvalier conseguiu, através de um grande número de promoções, silenciar possíveis focos de protestos dentro das Forças Armadas ao mesmo tempo que os antigos líderes foram completamente enfraquecidos. Ainda com

o objetivo de se fortalecer militarmente sem depender diretamente do Exército, François Duvalier cria uma guarda presidencial para garantir sua própria segurança e evitar possíveis golpes (ANDRADE, 2019).

A estratégia duvalierista de financiamento de apoiadores foi essencial na estruturação de seu governo de diversas maneiras. Primeiramente com as ações citadas junto ao Exército e, em seguida, com a criação e oficialização dos *Tontons Macoutes*. A milícia pessoal do ditador haitiano era formada por “voluntários sem salários, mas que buscaram através da participação nessa organização, algumas vantagens pessoais através também da corrupção” (ANDRADE, 2015, p. 406). O grupo tinha como função principal a identificação e eliminação dos opositores de Papa Doc e, para isso, não hesitava em abusar da brutalidade, com execuções à luz do dia, sequestros e torturas sistemáticas.

Figura 16 - Fotografia da milícia dos Tontons-Macoutes



Fonte: Haitian History Blog (2023)

Em dois anos após a sua criação, a milícia dos *Tontons* já superava em duas vezes o efetivo do exército haitiano (Figura 16). Andrade (2015, p. 406) afirma que eles “nunca foram uma verdadeira milícia, mas também não eram uma simples polícia política. Era mais provavelmente uma milícia de tipo fascista que complementava o aparato de poder.” A existência do grupo permitiu que a guarda presidencial fosse

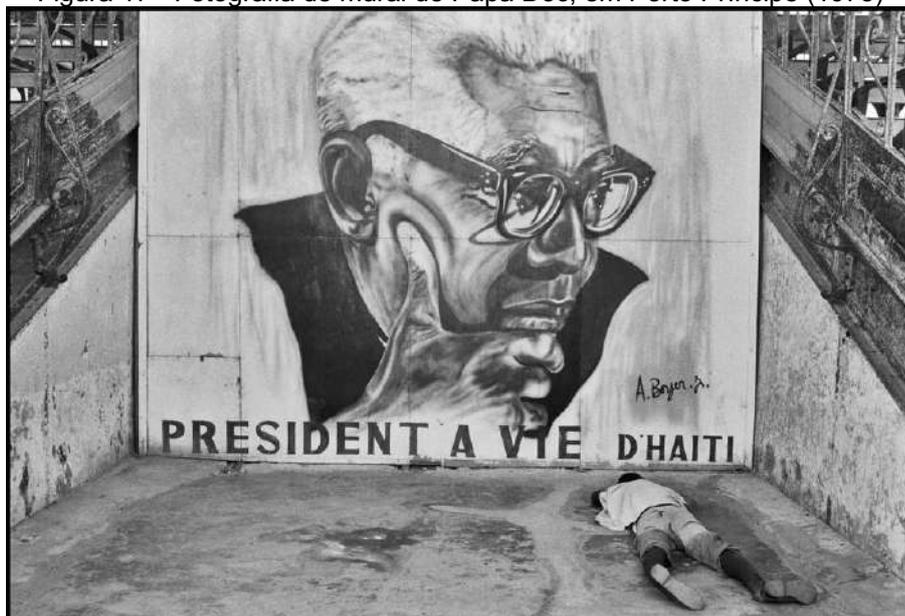
responsável pela segurança de Porto Príncipe, e o interior do país fosse controlado pela violência dos *Macoutes*.

A ação do grupo paramilitar foi essencial para que Duvalier obtivesse o controle pleno da totalidade do país, uma vez que a intimidação e o terror propagado se consolidaram. Os *Tontons-Macoutes* foram uma ferramenta de extrema importância para a perpetuação da dinastia Duvalier no poder. A referida organização, segundo Andrade (2015, p. 406), funcionava como um “sistema de controle social”, pois existia um enorme número de aspirantes a membros, o que acabava por dispersar possíveis organizações das massas contra a ditadura duvalierista, uma vez que a população competia entre si para obter os privilégios de estar entre os membros do grupo.

Mesmo após o fim da ditadura, em 1986, o grupo se manteve como “um dos mais poderosos obstáculos à construção de instrumentos de democracia e organização popular.” (ANDRADE, 2015, p. 406).

Em 1962, um novo grupo foi criado por Duvalier, a milícia civil chamada Voluntários da Segurança Nacional (VSN), que tinha como objetivos o controle social através da “presença do Estado” e o recrutamento de pessoas das classes mais baixas da população para aderir ao governo, fazendo com que, por conta do grande número de adeptos, se tivesse a imagem de que o governo era uma unanimidade (ANDRADE, 2019).

Figura 17 - Fotografia de mural de Papa Doc, em Porto Príncipe (1975)



Fonte: About History Team (2015)

O governo ditatorial de Duvalier, como visto, buscou diversas estratégias diferentes para se legitimar e se perpetuar no poder. Além do uso da força e da violência das milícias, o regime de Papa Doc fez questão de que tivesse o controle das informações e das mensagens que eram recebidas pela população (Figura 17).

As instituições civis que eram responsáveis por qualquer tipo de produção de conhecimento e/ou informação como, por exemplo, escolas, universidades, igrejas, associações profissionais, sindicatos e até clubes esportivos, foram fechadas. A imprensa livre deixou de existir, pois os proeminentes jornais haitianos como Oitimirim, Le Matin, Le Patriote e Indépendance foram fechados e tiveram seus escritórios atacados com muitos jornalistas sendo presos, torturados e assassinados, assim como as rádios. Em seus lugares, Duvalier criou uma imprensa estatal, com programas cujo único objetivo era ressaltar as qualidades do presidente.

Os catorze anos de governo de François Duvalier tiveram como único objetivo a manutenção do poder pessoal, utilizando de violência, tirania, repressão e censura para isso. Em 1961, ele acabou com a Assembleia Nacional e se reelegeu por outros seis anos. Em 1964, é a vez da constituição nacional ser atacada, e o ditador aprova sua presidência vitalícia, garantindo o poder até o seu falecimento. Em 1971, antes de morrer, Papa Doc garante que o poder legislativo aprove a alteração na idade mínima para assumir a presidência do Haiti de 40 para 18 anos, de modo que pudesse escolher o filho Jean-Claude Duvalier, posteriormente conhecido como Baby Doc, para assumir a presidência.

Figura 18 - Fotografia de Baby Doc e Papa Doc (1971)



Fonte: The Haitian Times (2014)

Para efetivar a mudança no poder, foi necessária a realização de “um referendo popular claramente manipulado, com 2,3 milhões de votos favoráveis e nenhum contrário ao futuro governo de Baby Doc” (SALLES, 2012, p. 6).

Sem a mesma experiência e estratégia de governo de François, Jean-Claude Duvalier governou por outros quinze anos seguindo os procedimentos e instruções de seu falecido pai (Figura 18). Baby Doc, durante os anos 70, propõe uma abertura política nas instituições que se resume à “libertação de presos políticos, julgamento de alguns macoutes e de uma retórica oficial mais recheada de valores democráticos” (SALLES, 2012, p. 6), mas nada além disso. As medidas acabam por gerar conflitos dentro dos grupos governistas e, também, na oposição. Junto a isso, a opinião pública internacional pressionava a ditadura haitiana e, frente a diversas ameaças de revoltas populares, Jean-Claude Duvalier foge do Haiti em 07 de fevereiro de 1986, dando fim à dinastia Duvalier e abrindo caminho para uma redemocratização do país caribenho (Figura 19).

Figura 19 - Fotografia de Jean-Claude Duvalier



Fonte: NBC News (2011)

3.3 A INSURGÊNCIA DE JEAN-BERTRAND ARISTIDE

Após mais de um século de extrema instabilidade política que culminou nos governos Duvalieristas, surge, ao final dos anos 1980, a figura de um jovem negro

originário das áreas rurais do Haiti chamado Jean-Bertrand Aristide (Figura 20). Ao se destacar pela sua capacidade de oratória e pelas suas duras críticas políticas, Aristide entra na mira do governo de Baby Doc. Em 1988, enquanto pregava, foi interrompido por diversos homens com armas e facões em punho que iniciaram um massacre entre os fiéis, deixando pelo menos treze mortos, muitos outros feridos e a igreja em chamas, mesmo assim, o futuro presidente haitiano consegue escapar do atentado de autoria dos milicianos *Macoutes* (PINTO, 2019).

Figura 20 - Fotografia de Jean-Bertrand Aristide



Fonte: Opera Mundi (2021)

Após um brevíssimo período de tranquilidade, em setembro de 1991, o então presidente retorna de uma viagem a Nova Iorque e é informado de que um golpe de estado está em curso no país capitaneado por seu líder das forças armadas, Raoul

Cédras, que lhe havia assegurado que o país não corria riscos de sofrer tal golpe. Aristide, então, é preso e exilado na Colômbia, e o regime imposto por Cédras prossegue com uma implacável repressão política que chegou a desovar “corpos desfigurados e mutilados (...) nas ruas como forma de intimidação a qualquer oposição” (PINTO, 2019, p. 379).

Figura 21 - Fotografia de um dos grupos de haitianos conhecidos como Boat people



Fonte: *Blackpast* (2020)

Todo esse processo culmina em uma gigantesca onda de emigração de haitianos, tendo como principal destino os Estados Unidos, em que ficaram conhecidos como *boat people* por conta do transporte utilizado para adentrar ilegalmente no país (Figura 21). Foram mais de 100.000 haitianos que saíram de sua terra natal em busca de um novo lar para fugir das atrocidades que estavam sendo cometidas em sua pátria entre 1991 e 1994 (WOODING; MOSELEY, 2009).

A partir de 1993, a crise de direitos humanos no Haiti entra no radar da ONU, quando o governo de Bill Clinton age junto ao Conselho de Segurança da organização para cessar as ajudas ao governo de Cédras e envia seus observadores para o país no objetivo de acabar com a questão migratória. Logo após a decisão, o governo

ditatorial vigente se dispõe a negociar com Aristide, o que resultou no retorno do presidente deposto mediante anistia a Cédras.

Apesar do acordo e dos observadores das Nações Unidas, assim que Aristide retoma o poder, os ataques e assassinatos de seus aliados e apoiadores reiniciam, agora não pelos *Macoutes*, mas pelo grupo chamado FRAPH (*Front Révolutionnaire Armé pour le Progrés d’Haiti*) (PINTO, 2019). Após um tenso período de desistências, ameaças de conflito e novas negociações, em que os Estados Unidos chegam a enviar um navio militar com tropas para organizar a chegada do presidente deposto e apoiar na transição, o desembarque não foi possível por conta da hostilidade da recepção encontrada (Figura 22).

Figura 22 - Fotografia de haitianos protestando contra invasão estadunidense



Fonte: IELA (2015)

A invasão estadunidense no país caribenho possuía bastante apoio da cúpula e do próprio presidente Aristide e, enquanto o ritmo migratório aumentava, Clinton recorre à ONU para efetivar e legitimar uma intervenção no Haiti, que foi autorizada pelo Conselho de Segurança, possibilitando o uso da força com o pretexto de recolocar Aristide no poder. Foi então que mais de 20.000 pessoas sob comando das

forças armadas estadunidenses chegaram ao país para cumprir seu objetivo de utilização do poder bélico dos Estados Unidos.

Entretanto, um acordo finalmente é acertado entre Estados Unidos e a junta comandada por Cédras que controlava o Haiti, e o mesmo parte para o exílio no Panamá ao mesmo tempo em que as tropas estadunidenses retornam ao seu país e as forças de paz das Nações Unidas retomam seu trabalho em solo caribenho.

Em 1996, após o fim do mandato de Aristide e a ocorrência de uma nova eleição, seu partidário e principal aliado, René Préval, chega à presidência. Durante seu mandato, o presidente e seu antecessor romperam politicamente, o que resultou em uma grande divisão no partido dos mesmos, conhecido como *Lavalas*. A divisão e a constante instabilidade política dos governos provocaram consequências gigantescas para a economia do país que, desde a era colonial, não consegue se estabelecer de maneira minimamente aceitável. Ao final do mandato de Préval, novas eleições são realizadas e, de forma muito polêmica, pois apenas 5% da população participou da votação, Aristide voltou ao poder (CORBELLINI, 2009).

Figura 23 - Fotografia do ex-presidente Aristide voltando ao Haiti após sete anos



Fonte: NBC News (2011)

Em seu terceiro mandato de presidente, Aristide surpreende ao solicitar as tropas das Nações Unidas ao mesmo tempo em que pregava um nacionalismo forte em seus discursos (Figura 23). Além disso, o presidente eleito parecia se influenciar com o *modus operandi* da dinastia Duvalier, convidando vários atores importantes do antigo governo para fazer parte da sua nova gestão e com a criação de uma milícia (*Chimèra*) que era muito parecida com os *Macoutes* e, até mesmo, a FRAPH, em termos de perseguições, sequestros e assassinatos políticos. Em 29 de fevereiro de 2004, após perder apoio político interno e suporte internacional, com o surgimento de um grupo de revolucionários chamados *Frente de Revolução Nacional para libertação do Haiti*, o então presidente renuncia e foge para o exílio novamente, dessa vez para a África do Sul, e deixa seu país praticamente em guerra civil. Ainda em 2004, o país é atingido pelo furacão Jeanne que “[...] deixou cerca de três mil haitianos mortos, mil desaparecidos e trezentos mil desabrigados” (PINTO, 2018, p. 382), agravando ainda mais a situação econômica e humanitária do Haiti (Figura 24).

Figura 24 - Fotografia da devastação causada pelo furacão Jeanne no Haiti (2004)



Fonte: Le Monde Diplomatique Brasil (2016)

3.4 A MINUSTAH – *MISSION DES NATIONS UNIES POUR LA STABILISATION EN HAITI*

No contexto deixado por Aristide, o presidente da Suprema Corte do país, Boniface Alexandre, assume como presidente interino e solicita prontamente o auxílio da ONU para a estabilização política e social do país. O Conselho de Segurança se reúne de forma imediata e define, através da resolução 1529/2004, que uma Força Multinacional de Paz seria estabelecida e enviada no dia seguinte, de forma provisória, até que novas tropas constituintes de uma nova missão de paz fossem enviadas ao Haiti.

A Força Multinacional de Paz foi criada, no início, com o objetivo de “monitorar e reestruturar a polícia nacional haitiana; ajudar no desarmamento, desmobilização e reintegração das milícias armadas; restaurar e manter o Estado de direito; e proteger o pessoal da ONU e os civis locais” (BRACEY, 2010, p.323), além de prover um ambiente minimamente aceitável para que Boniface Alexandre lograsse alguma governabilidade. A primeira Força Multinacional foi integrada por Estados Unidos, França, Chile e Canadá (CORBELLINI, 2009).

Em 30 de abril de 2004, o Conselho de Segurança das Nações Unidas autoriza, através da Resolução 1542/2004, o estabelecimento da Missão de Paz das Nações Unidas para estabilização do Haiti, ou pela sigla de origem francesa MINUSTAH (*Mission des Nations Unies pour la Stabilisation en Haïti*), para início de atividades no país em 1º de junho de 2004. Após autorização da Missão, somaram-se às Forças que já estavam no Haiti as tropas brasileiras e argentinas, que comandadas pelo Brasil passaram a executar a operação de paz da ONU.

Uma operação extensa e complexa foi planejada e estruturada no Haiti para cumprir com os objetivos previamente estabelecidos pelas Nações Unidas. Abarcando diversas áreas diferentes de atuação, a missão de paz trouxe participantes de diversos países, como o tunisiano Hédi Annabi, que serviu como Representante Especial do Secretário Geral até 2010, quando faleceu em decorrência do terremoto que atingiu o Haiti. Mesmo assim, o *Core Group*, que é o grupo de países que estão no núcleo da missão e, portanto, tem um papel de maior destaque e importância em áreas chave da operação, é composto por Brasil, Argentina, Canadá, Chile, Estados Unidos e França (CORBELLINI,2009).

Figura 25 - Fotografia de veículo da ONU nas ruas do bairro de Bel-Air, em Porto Príncipe

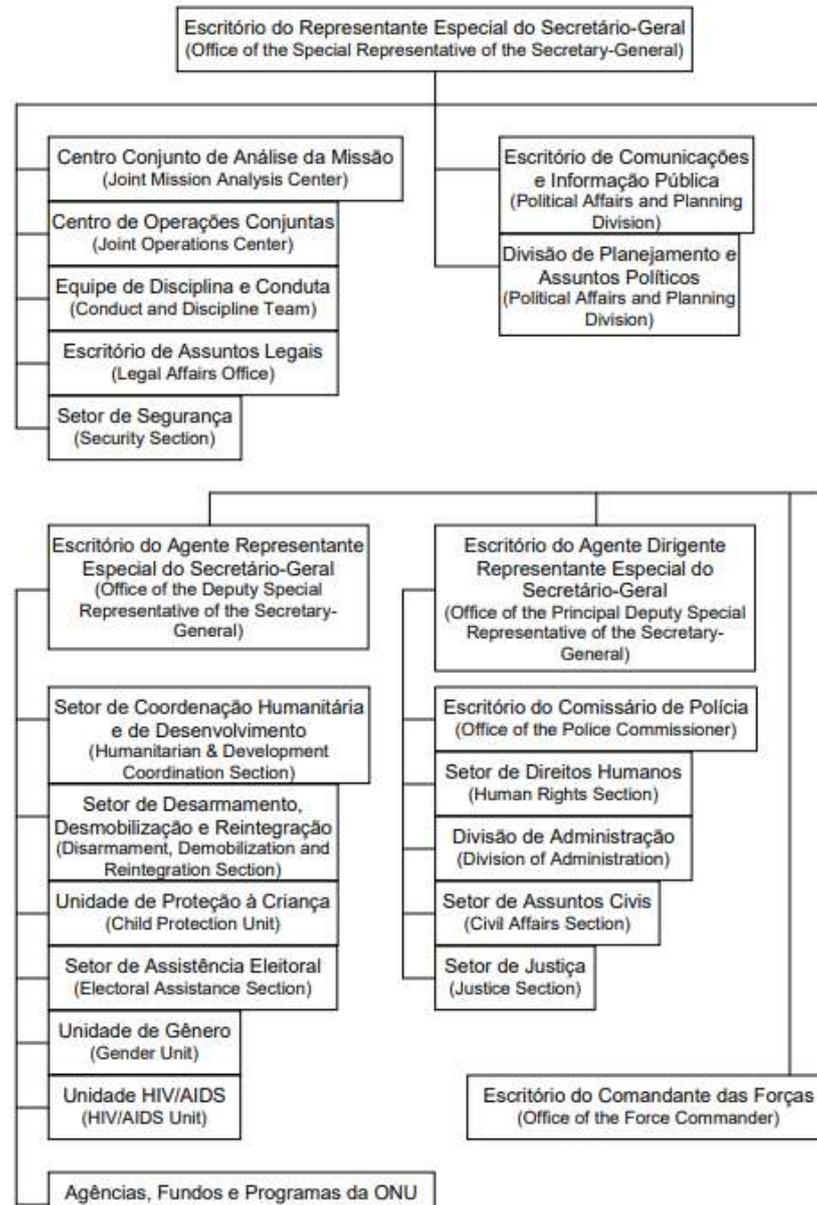


Fonte: Army University Press (2021)

Prevista, em 2004, para um período inicial de seis meses, a MINUSTAH ficou ativa oficialmente até 15 de outubro de 2017, quando encerrou seu mandato e foi substituída pela Missão das Nações Unidas para Apoio à Justiça no Haiti, que foi autorizada pela Resolução 2350/2017 (Figura 25).

Em seu auge, a MINUSTAH (Figura 26) chegou a contar com 12.552 efetivos de 56 países diferentes entre militares, civis e policiais em 2011, logo após o trágico terremoto que atingiu a região em 2010 (NASPOLINI, SILVEIRA, AMARAL, 2022). Durante todo o período de treze anos de operação em território haitiano, apenas o Brasil enviou mais de 37 mil militares para participação na missão, sendo 1.200 em rotação semestral de 2004 a 2010 e, a partir de 2010, após o terremoto, o CONTBRAS (Contingente Brasileiro) foi aumentado para 2.100 militares em solo haitiano.

Figura 26 - Organograma da MINUSTAH



Fonte: CORBELLI (2009, p.108).

3.5 O PAPEL DO BRASIL NA MINUSTAH

A política externa brasileira sempre foi um assunto de extrema importância para os governantes do país (CERVO e BUENO, 2002). Porém, ao longo da década de 1990, o Brasil impulsionou sua atuação em organizações multilaterais, pois elas

passam a ser compreendidas como “espaço de aumento de margem de manobra do Brasil” (DINIZ, 2005, p.94). Isso significa que a postura apresentada pelo país que “analistas vêm chamando de “autonomia pela participação” ou então “autonomia pela integração” (DINIZ, 2005, p.94) tem como base um papel mais ativo, buscando ações que permitam ao Brasil aumentar suas oportunidades de ocupar posições estratégicas de decisão em assuntos de importância global.

A partir da chegada de Luís Inácio Lula da Silva à presidência em 2003, essa postura é mantida, porém ela recebe um tom mais assertivo do chanceler Celso Amorim (Figura 27), com a determinação de prioridades para a atuação dentro do Mercosul e da América Latina e, também, entre outros países em desenvolvimento, nos âmbitos político e comercial, mantendo uma posição de liderança entre esses países tanto internamente quanto aos olhos do exterior (DINIZ, 2005).

É com esse posicionamento ajustado que o Brasil retoma um antigo pleito frente à comunidade internacional e à ONU. Uma das ferramentas mais visadas para a obtenção de reconhecimento internacional para o então governo brasileiro era a obtenção e articulação de “um Conselho de Segurança reformado, representando a realidade dos dias de hoje, com os países desenvolvidos e em desenvolvimento de todas as regiões do mundo entre os seus membros permanentes” (DINIZ, 2007, p.100). Nessa concepção, o Conselho de Segurança das Nações Unidas contaria com um assento permanente para o Brasil. Em consequência dessa visão, o Brasil intensifica sua participação em relação aos conflitos internacionais e à própria ONU, que já contava historicamente com uma grande influência brasileira .

Figura 27 - Fotografia de Celso Amorim, chanceler do governo Lula (2003 a 2011)



Fonte: Metrôpoles (2022)

Em uma dessas ações que visam à obtenção do assento permanente no Conselho de Segurança da ONU, o Brasil decide participar e liderar a Missão de Paz das Nações Unidas para a Estabilização do Haiti (MINUSTAH). O entendimento do governo brasileiro de que uma participação ativa nos esforços de paz promovidos pela ONU ao redor do mundo era essencial para a conquista de uma maior relevância no cenário político mundial faz com que o país veja o Haiti como uma oportunidade singular de demonstração de poder, responsabilidade, visibilidade e liderança política. Desse modo, o Brasil parte para a Missão de Paz com o objetivo de se posicionar como uma liderança na América do Sul poderosa o suficiente para oferecer ajuda a um país de uma região vizinha (DINIZ, 2007).

A MINUSTAH previu um contingente de 6.700 militares, 1.622 policiais e um grande número de civis responsáveis por diversas tarefas de administração e gestão de variados setores (ARAÚJO, 2023). O CONTBRAS desembarca em Porto Príncipe no dia 29 de maio 2004 (Figura 28), com uma primeira força de 42 militares, mas esperando um total de mais de 1.100 militares com a missão de liderar os esforços internacionais na estabilização do Haiti a partir de junho do mesmo ano (NETO, 2004).

Figura 28 - Fotografia do início do embarque do 24º Contingente para o Haiti



Fonte: Forças Terrestres (2016)

Além da liderança de toda a operação, estavam entre as principais responsabilidades dos brasileiros as patrulhas de rotina para proteção de hospitais e outros espaços públicos, fornecer proteção e auxílio às ações humanitárias e, talvez, seu maior desafio: o desarmamento de grupos paramilitares e milícias (COLORIO, 2018). A área da segurança pública era uma das mais afetadas pela crise que vivia o Haiti, culminando em variadas ameaças de violência para a população. Desse modo, uma das tarefas da MINUSTAH era, também, a profissionalização das polícias locais e auxiliar na implementação de uma maior estrutura de reação e contenção dessas ameaças.

O período em que os “capacetes azuis” - como eram chamados os soldados a serviço da ONU - executaram sua missão foi marcado por crises e catástrofes naturais, como o terremoto de 2010, que agravou de maneira exponencial o caos humanitário no país e, também, o furacão Matthew em 2016. Além disso, ONGs de defesa dos direitos humanos efetuaram uma série de denúncias de “casos de estupro, de roubos, de assassinato e de detenções ilegais por parte das forças armadas” (ELY, 2017).

Seitenfus (2019), sustenta que parte importante de liderar é, também, se responsabilizar pelos atos e consequências do legado deixado pelas tropas da MINUSTAH em território haitiano. O autor ressalta que ainda é possível perceber os efeitos que a Missão de Paz deixou no país e lamenta o fato do país ter se apresentado como "salvadores do Haiti" e que muitos dos generais envolvidos na missão foram contemplados com cargos de ministro - o que mostra certa conveniência com essa situação.

Segundo o The Guardian (2016), dentre as diversas atitudes condenáveis pelas quais a MINUSTAH é acusada está a falta de planejamento para enfrentar a epidemia de cólera, iniciada em outubro de 2010, que vitimou mais de 30 mil pessoas entre mais de 700 mil que ficaram doentes (Figura 29). A doença, que nunca havia sido registrada no país, chega ao Haiti por meio das tropas nepalesas da ONU e, apesar da manifestação do governo local sobre a origem estrangeira da doença, as Nações Unidas decidem não reconhecer a versão governista e minimizar o caso.

Figura 29 - Fotografia dos protestos contra MINUSTAH e a epidemia de cólera no Haiti



Fonte: MST (2014)

Em 2011, em nota, a ONU afirma que, de acordo com um relatório por um painel independente, “a dispersão da doença se deu por uma “confluência de circunstâncias” e não por culpa de um grupo ou de indivíduos” (ONU, 2011). Em novembro do mesmo ano, foi requerido um pedido de indenização em nome das vítimas da epidemia no Haiti contra a ONU, mas o requerimento foi respondido somente em 2013 e com a alegação de que “as reivindicações não são recebíveis de acordo com a Seção 29 da Convenção sobre Privilégios e Imunidades das Nações Unidas” (ONU, 2011), o que, em outras palavras, reconhece a culpa, porém se apoia em mecanismos legais de imunidade e impunidade para não responder aos seus atos.

Outro exemplo do apoio da MINUSTAH e do exército brasileiro nas bases legais e na estrutura de poder da ONU é o massacre de Cité Soleil em 2005 (Figura 30). A operação, que foi batizada de Punho de Ferro, tinha o objetivo de capturar um combatente haitiano conhecido como Dread Wilme em um bairro pobre da capital Porto Príncipe e foi liderada pelo futuro ministro bolsonarista General Augusto Heleno. Naquele dia de 6 de julho de 2005, mais de 300 militares fortemente armados

adentraram na maior favela do Haiti, conhecida como Cité Soleil, e assassinaram ao menos 63 pessoas e deixaram mais outras 30 feridas.

Figura 30 - Fotografia da favela de Cité Soleil



Fonte: Wikipedia (2023)

Na ocasião, foi registrado que mais de 22 mil projéteis foram disparados. General Heleno não negou a morte de civis durante a operação e justificou, em depoimento à Câmara dos Deputados em 2005, da seguinte forma: “Não tenho dúvida que diante da atitude das gangues de utilizarem mulheres e crianças como escudos para se protegerem, podem ter acontecido efeitos colaterais (morte de civis). Mas se aconteceram, foram mínimos” (FERREIRA, 2023).

A operação Punho de Ferro, segundo Guerchang Bastia, do partido Encontro dos Socialistas para uma Iniciativa Nacional Nova, em entrevista ao portal Brasil de Fato, foi utilizada como um verdadeiro ensaio para outras operações realizadas pelas tropas brasileiras em favelas do Rio de Janeiro. Bastia (SILVA, 2017) disse que:

Os soldados brasileiros mataram muitas pessoas nas favelas do Haiti. Entendemos, porque o Brasil tem favelas, então eles se preparam para lutar contra os pobres e, para isso, experimentaram essas novas estratégias nas favelas no Haiti.

Pouco tempo depois, o general brasileiro Ajax Porto Pinheiro (SILVA, 2017) confirmou, em entrevista, que as forças das Nações Unidas “têm um nível de liberdade que às vezes não se tem no Brasil” em referência aos assassinatos em operações militares. Logo após a operação, o General Augusto Heleno é afastado e retorna ao Brasil, sendo substituído por Urano da Teixeira da Matta Bacellar.

Com o passar do tempo, muitas outras denúncias foram realizadas, como, por exemplo, o documento elaborado por ONGs do Haiti que se organizaram na Plataforma Haitiana de Desenvolvimento Alternativo exigindo a responsabilização da ONU por mais de 3 mil casos de estupros (cerca de 300 deles envolvendo crianças) registrados no país durante a presença da MINUSTAH (Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti), entre os anos de 2004 e 2017 (FARINELLI, 2020)

O saldo da MINUSTAH no país caribenho definitivamente não foi positivo. Entretanto, antes mesmo do Brasil assumir o cargo de coordenação da recém-formada Missão das Nações Unidas para a estabilização do Haiti por ter o maior contingente, em um gesto de demonstração de boa-vontade das tropas brasileiras com o povo haitiano, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva convidou a Seleção Brasileira de Futebol para participar de uma partida com a Seleção Haitiana de Futebol em 19 de agosto de 2004 na capital haitiana, Porto Príncipe. Esse exemplo de prática de *sportswashing* será narrado e interpretado no próximo capítulo.

4 O “JOGO DA PAZ”: HAITI 0 X 6 BRASIL (2004)

4.1 AS TRATATIVAS ENTRE GOVERNO FEDERAL E CBF PARA ORGANIZAÇÃO DO JOGO

Logo após a decisão de integrar e liderar a MINUSTAH, o governo brasileiro iniciou a construção de um plano para amenizar os efeitos negativos da presença das tropas da ONU no Haiti e criar um laço entre a população e a cultura brasileira. Ações como entregas de presentes e brindes da seleção brasileira eram parte importante do plano e foram executadas de forma regular no período.

Porém, o grande trunfo que o governo gostaria de contar era a visita da seleção masculina de futebol principal para um amistoso contra os donos da casa. O próprio primeiro-ministro do Haiti fez essa sugestão em entrevista dada à Folha de São Paulo, quando perguntado sobre as chances de o exército brasileiro conseguir desarmar mais de 15.000 pessoas no país, o premiê diz a Fabiano Maisonave (2004):

O Brasil tem boa vantagem. Os haitianos amam o Brasil e amam o futebol brasileiro. Se o Brasil enviasse, com as tropas, dois ou três dos melhores jogadores, essas pessoas poderiam fazer uma promoção pública do Exército brasileiro melhor do que qualquer outra iniciativa brasileira. No caso do desarmamento, é necessário ter a participação da população. Espero que, durante o período, o Brasil organize um ou dois jogos amistosos de futebol. Isso ajudará a aliviar a tensão. Se eles fizerem os jogos, todas as gangues assistirão à partida. Se as armas forem exigidas como ingresso, muitos deles as darão livremente somente para ver Ronaldo, Cafu ou Kaká.

Apesar de não ter feito a proposta diretamente aos líderes brasileiros, Lula toma conhecimento da ideia e prossegue com o plano para levar a seleção ao Haiti e testar o poder brando que a equipe poderia ter.

Em 2004, a seleção brasileira de futebol era a atual campeã do mundo, tendo levantado a taça da Copa do Mundo no Japão, em 2002 (Figura 31), e contava com um grande número de jogadores conhecidos e amados em todo o mundo, como Ronaldo “Fenômeno”, Ronaldinho Gaúcho, Roberto Carlos e Adriano “Imperador”. Com essas credenciais, a equipe nacional era uma ferramenta poderosa para gerar comoção, identificação e simpatia em relação ao Brasil, e essa foi a intenção do governo ao fazer o convite à CBF.

Figura 31 - Fotografia de Ronaldo levantando a taça de campeão do mundo em 2002



Fonte: LANCE! (2022)

A Confederação Brasileira de Futebol, à época presidida por Ricardo Teixeira, é a entidade máxima que comanda o futebol brasileiro, sendo responsável pela organização dos campeonatos em âmbito nacional e pelo controle de todos os aspectos referentes às seleções nacionais de futebol, da base ao profissional feminino e masculino. Devido à sua rica história de conquistas, sendo a maior campeã da Copa do Mundo FIFA, com cinco títulos, e pelo plantel de elite, com atletas que participam dos maiores campeonatos do mundo, a seleção brasileira principal masculina é o “carro chefe” da CBF, gerando a maior renda da entidade em patrocínios e eventos entre as equipes.

Os amistosos realizados pela seleção são, em sua maioria, marcados e organizados pela CBF e esse é um recurso importante que a Confederação utiliza para impulsionar a sua arrecadação, pois essas partidas são comercializadas de diversas formas, sendo a primeira delas a venda do amistoso em si para o país adversário e, posteriormente, são feitas as negociações de cotas de patrocínio e comercialização de ingressos (Figura 32).

Consideradas as qualidades mencionadas, a seleção brasileira sempre gera uma grande visibilidade para todos os seus jogos. Por esse motivo, a agenda da equipe é bastante disputada e a CBF costuma capitalizar em grande quantidade com esses eventos, sejam eles no Brasil ou no exterior.

Figura 32 - Fotografia de partida da Brasil Global Tour



Fonte: Koch Tavares (2013)

Desse modo, a participação da seleção brasileira em um amistoso no Haiti contra uma seleção pouco renomada e uma federação sem verba para fazer o aporte necessário para a visita dos brasileiros, por mais que o convite tivesse partido do próprio Governo Federal, parecia ser algo muito distante. A articulação entre os ministérios das Relações Exteriores e da Defesa junto à CBF para realização da partida foi feita com urgência, pois a seleção disputaria um amistoso comemorativo ao tetracampeonato em Nova York contra a Itália no mesmo dia 18 de agosto. Mesmo assim, a CBF aceitou prontamente o pedido do Presidente da República e decidiu adiar a comemoração para que a seleção fosse, naquele momento, não só uma forma de arrecadação de dinheiro para uma organização, mas uma ferramenta importante de mobilização, convencimento e sedução, como afirma o presidente Lula no documentário O dia em que o Brasil (2005) esteve aqui de Caíto Ortiz e João Dornelas:

Eu acho que não apenas aqui, mas em vários lugares do mundo em que eu viajo, ou seja, o futebol brasileiro é como se fosse uma água benta, uma paixão que está acima das coisas. Quando eu conversei com Ricardo Teixeira, que ele imediatamente se dispôs a fazer esse jogo, e depois os jogadores, todos, sem exceção concordaram. Acho que a CBF e os jogadores deram uma demonstração de que o futebol pode muito mais do que ser apenas um espetáculo, ele pode mexer com o coração, com as emoções, sensibilizar as pessoas, e o Haiti precisa muito disso.

Em cerca de um mês, todos os trâmites para participar do amistoso que ficaria conhecido como “Jogo da Paz” estavam alinhados, e a seleção agora tinha a missão de representar o Brasil e sua cultura em um cenário de guerra civil, mas frente a uma população completamente apaixonada pelo futebol brasileiro e seus ídolos.

4.2 A CHEGADA DA SELEÇÃO BRASILEIRA

Em 1948, a Suécia foi a escolhida para ser sede da Copa do Mundo de Futebol em um congresso da FIFA em Londres. Dez anos após a definição, acontecia a tão esperada Copa de 1958, sendo a primeira sem a presença do histórico presidente da organização Jules Rimet, que havia falecido dois anos antes e tinha sido um dos grandes responsáveis pela criação do evento em 1930.

A Copa de 1958, foi marcada por uma seleção brasileira lendária com Didi, Nilton Santos, Gilmar, Zagallo, Garrincha e o debute de um jovem de 17 anos com o apelido de Pelé - que, com a conquista do mundial, se tornou uma verdadeira sensação em todo o mundo por conta de seu futebol bonito, envolvente, técnico e veloz. Na Suécia, Pelé foi exposto ao mundo do futebol, que se encantou com seu desempenho e de sua seleção e, a partir daí, o jovem jogador se tornou a grande referência do futebol brasileiro para o mundo.

A transmissão ao vivo da Copa do Mundo de Futebol em 1958 era muito diferente dos dias atuais e, além de estar em preto e branco, poucos países tiveram acesso às partidas em tempo real, o que fez com que muitas pessoas apaixonadas pelo futebol não pudessem acompanhar o nascimento de uma lenda do futebol mundial. O Haiti, por exemplo, só teve acesso aos jogos da Copa de 58 no ano de 1960, quando as gravações chegaram ao país.

Assim, o Haiti só pôde ver o espetáculo protagonizado pela seleção brasileira dois anos após o ocorrido. De qualquer maneira, o resultado proporcionado pelas partidas foi o mesmo: o nascimento de uma paixão avassaladora pelo futebol do Brasil, sentimento esse que, em 1962, durante a Copa do Chile, cresceu ainda mais por conta de mais um título conquistado pela equipe brasileira, dessa vez com um show de Garrincha.

Dois anos após conhecer o encantador futebol brasileiro, protagonizado pelos belos gols e dribles desconcertantes, os haitianos tiveram, desta vez ao vivo e em

tempo real, a oportunidade de ver uma nova exibição do esporte e dos atletas que fizeram tanto sucesso na última edição.

A beleza e competitividade do futebol brasileiro são fatores que contribuem muito para a seleção arrecadar torcedores em todo o mundo, porém além de “golaços” e títulos, o povo haitiano viu na seleção brasileira um grupo de atletas negros, de origem humilde que, apesar de suas dificuldades, conseguiam derrotar as potências europeias e mostrar o seu valor - como afirmou Yves Jean Bart, presidente da Federação Haitiana de Futebol, em entrevista ao New York Times comentando sobre o “jogo da paz”: “Muitos haitianos não têm satisfação em suas vidas. Brasil é uma das coisas boas nelas. Os jogadores brasileiros são negros e vêm das massas. Ronaldo lavou carros na rua quando era garoto” (ANDREASSA, 2018). Essa identificação da população do Haiti com o Brasil através do futebol faz nascer uma paixão sem precedentes dos haitianos pelo esporte e, acima de tudo, pela seleção brasileira de futebol.

Por conta de todo o contexto de fanatismo e ambiente externo extremamente conflituoso ao amistoso no Haiti, o plano traçado para a logística da seleção brasileira considerou apenas um dia para a chegada, realização da partida e retorno ao Brasil. Assim, no dia 18 de agosto de 2004, a seleção brasileira comandada pelo técnico Carlos Alberto Parreira desembarcou no Aeroporto Internacional Touissant Louverture em Porto Príncipe, com o avião já cercado por uma multidão em êxtase que se preparou durante dias para a chegada dos ídolos como afirma um torcedor no filme O dia em que o Brasil esteve aqui (2005):

Amanhã de manhã estaremos todos no aeroporto bem cedo. Vamos buscar os jogadores no aeroporto. Sim, vamos ao aeroporto. Vamos fazer uma delegação para ir ao aeroporto. Somente para podermos ver nossas estrelas brasileiras. A partir das nove horas da manhã estaremos no aeroporto, a pé, de carro, de qualquer jeito estaremos lá, todos são fãs do Brasil. Vamos acolher nossas estrelas, nossas estrelas. Atenção, reitero: Nós vamos acolher nossas estrelas: Ronaldo, Ronaldinho, Roberto Carlos, Cafu, Dida, Kaká, nossas estrelas.

Os jogadores e a comissão técnica descem do avião próximo do início da tarde e, diante de uma recepção muito calorosa, embarcaram no comboio militar composto por sete blindados Urutus que fariam o trajeto até o Estádio Sylvio Cator (Figura 33).

Figura 33 - Fotografia do comboio de blindados Urutus

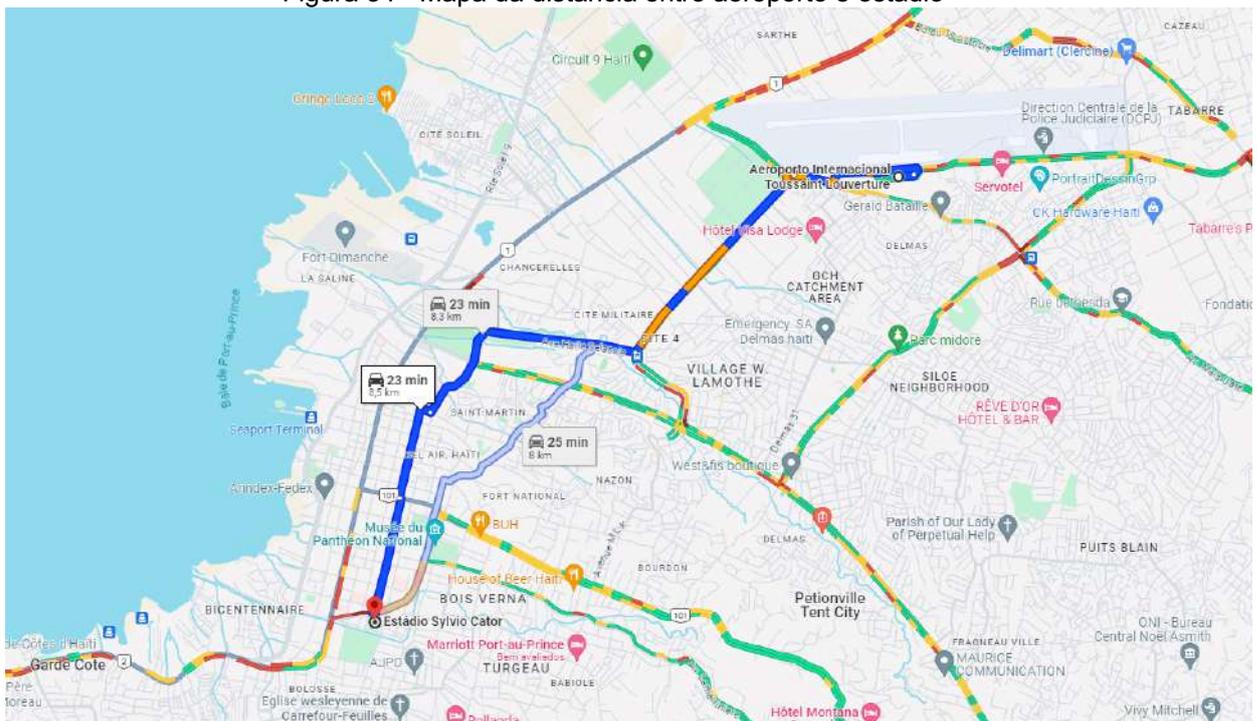


Fonte: O Globo (2004)

4.3 O TRAJETO ATÉ O ESTÁDIO SYLVIO CATOR

A distância que separa o palco do “jogo da paz” do aeroporto onde os protagonistas do espetáculo chegaram é de cerca de 15 quilômetros, um trajeto que, se feito em condições normais, leva por volta de 30 minutos (Figura 34). Nesse caminho, os brasileiros puderam ter a noção da dimensão do significado da seleção brasileira para um povo que tinha seu país à beira de um colapso social e econômico e que, apesar disso, esbanjara alegria e emoção de ter a oportunidade de ver seus heróis diante de seus olhos.

Figura 34 - Mapa da distância entre aeroporto e estádio



Fonte: Google Maps (2024)

A euforia era visível nas milhares de pessoas que acompanharam a passagem da equipe brasileira. Comandada por gritos, crianças e adultos correndo, arremessos de camisetas para autógrafos dos atletas e tentativas de subir nos blindados, a multidão perseguiu o comboio durante todo o percurso até o Estádio Sylvio Cator enquanto os ídolos saudavam a população que portava bandeiras e vestia roupas em verde e amarelo (Figura 35).

Em conversa com alguns jogadores durante o trajeto, militares contam sobre a festa feita pela população após a conquista da Copa América de 2004, que havia acontecido recentemente, no final de julho, e afirmam que a comemoração foi igual ou maior que a registrada no Brasil: “Isso aqui é uma loucura, cara. Vocês ganharam a copa, foi dois dias de feriado aqui.” (O DIA [...], 2005), contou um dos militares a Ronaldo Fenômeno em cima do terceiro blindado, onde estava Ronaldinho Gaúcho.

É possível compreender nesse momento do dia 18 de agosto daquele ano como a paixão de um povo por um esporte pode ter um impacto extremamente benéfico e positivo na resolução de conflitos. A simples presença da seleção brasileira na capital fez com que o Haiti, pelo menos durante aquele dia, colocasse de lado a crise, o conflito e as diferenças internas para se unir, celebrar e aproveitar a presença dos ídolos brasileiros em solo haitiano.

Figura 35 - Fotografia dos jogadores desfilando nos blindados da MINUSTAH



Fonte: G1 (2017)

4.4 O JOGO E A FESTA DA TORCIDA HAITIANA

Com o estádio completamente lotado e as ruas agora vazias para acompanhar o embate, inicia-se o “jogo da paz”. A seleção brasileira entra em campo com o time composto por Júlio César, Belletti, Juan, Roque Júnior, Roberto Carlos, Gilberto Silva, Edu, Juninho Pernambucano, Roger, Ronaldinho Gaúcho e Ronaldo Fenômeno (Figura 36). O time repleto de estrelas era tratado pela população e, também pelos jogadores da seleção haitiana, como algo de outro mundo, como afirma o meio campista Peter Germain no documentário: “Não vamos impedir a seleção brasileira de jogar, como todo o povo diz aqui, são deuses na terra, são extraterrestres” (O DIA [...], 2005)

A relação de admiração claramente presente em todos os comentários dos atletas haitianos difere muito do que se espera de uma relação entre adversários no esporte. A idolatria presente fora de campo, observada nos dias que antecederam a partida e na chegada da seleção canarinho no trajeto até o estádio, também podia ser vista dentro de campo e era parte essencial da estratégia traçada pelo governo brasileiro para vincular a imagem da equipe às tropas da MINUSTAH.

Figura 36 - Seleções perfiladas em conjunto antes do jogo



Fonte: CBF (2015)

O goleiro titular do Haiti, Fenelon Gabard, é peça central no documentário “O dia em que o Brasil esteve aqui” e trata a partida amistosa como um dos momentos mais importantes de sua vida: “Para minha carreira significa muito esse jogo contra

Ronaldo como goleiro titular. Eu posso dizer, vou fazer tudo o possível, tornar possível o impossível para segurar os chutes do Roberto Carlos e particularmente os do Ronaldo” (O DIA [...], 2005).

O endeusamento dos jogadores brasileiros por todo o povo haitiano é um fator de extrema importância para o sucesso da estratégia traçada pelo governo, que apostou no amor e na identificação de uma população com os esportistas. Segundo Reis (2022), existe uma produção de influências através da admiração que gera uma tendência de aprendizagem. Isto é, o entendimento de que os atletas brasileiros possuíam ancestralidade, origens e dificuldades semelhantes ao da população do Haiti possibilitou aos mesmos um exercício de projeção em que se poderia alcançar o mesmo sucesso e a mesma superação dos problemas vividos diariamente, gerando uma identificação e admiração que se traduzia em esperança para uma população assolada por inúmeras adversidades. Como afirma o historiador Gerard Charles (O DIA [...], 2005) durante o documentário citado anteriormente: “no futebol, os haitianos sabem que o Brasil é projeção do seu sucesso e com esse seu jeito particular, se torna a projeção do que os haitianos querem ser”.

Exemplo disso é a mensagem traduzida para o português de um torcedor haitiano para Ronaldo Fenômeno, entregue à equipe da BBC Brasil que dizia: “Eu te amo. Eu tenho muito orgulho de você. Eu amo sua sabedoria. Ronaldo, você me inspira. Nós te amamos” (CABRAL, 2004), leu Mervelier Pierrot, explicando que se tratava de uma mensagem de todo o seu bairro.

Todas as demonstrações de amor, carinho, reverência e idolatria presenciadas pelos jogadores brasileiros não são tidas como algo comum. O entendimento da representatividade da partida para todos no entorno da mesma foi assimilado rapidamente, pois a atmosfera que se via no local era de uma comemoração sem precedentes, ao passo que o jogo em si era apenas uma exibição amistosa, sem nenhuma implicação financeira ou competitiva, como afirma o técnico Parreira em seu discurso de preleção (O DIA [...], 2005):

Com certeza, quando me perguntarem daqui para frente os momentos importantes que eu vivi na minha vida de futebol, esse foi um deles. Essa alegria, o olhar, o sorriso, o coração, eu só vi nos momentos em que a seleção foi campeã do mundo. Eu acho que vocês nunca mais vão experimentar outro momento igual a esse, então nós somos privilegiados de participar disso, é um orgulho para todos nós.

Figura 37 - Fotografia de Parreira fazendo a preleção no vestiário



Fonte: CBF (2015)

De acordo com reportagens produzidas pela BBC Brasil, Uol e outros veículos de imprensa brasileiros, o presidente Lula, em conversa com os atletas e comissão técnica do Brasil, pediu para que os mesmos poupassem os haitianos de uma goleada em nome da “diplomacia da bola” (BERTOLOTTO, 2004), enquanto o primeiro-ministro do Haiti ofertou o valor de US\$ 1.000 para o jogador que conseguisse marcar um gol na seleção canarinho e US\$ 100 de suas economias pessoais para cada um dos relacionados para a partida, em caso de vitória haitiana (BERTOLOTTO, 2004). Apesar dessa mobilização, o jogo saiu como o esperado e o Brasil entregou o show que a população tanto queria, aplicando 6 a 0 nos donos da casa com três gols de Ronaldinho Gaúcho, dois de Roger Flores e um de Nilmar.

A cada passe, chute, drible e dividida o estádio vibrava como se fosse um gol. A felicidade de acompanhar o futebol-arte brasileiro ao vivo fazia com que a torcida não se importasse com a goleada da seleção. Pelo contrário, o médico da seleção haitiana confirmou em entrevista o orgulho gerado pela competitividade brasileira dentro de campo: "Se tivessem facilitado, nós teríamos considerado uma humilhação. Nós preferimos perder e ficamos felizes porque os jogadores brasileiros tiveram um grande coração por vir fazer este jogo aqui" (CABRAL, 2004). Vibrando e torcendo com os lances das duas seleções, os haitianos demonstraram momento após momento sua alegria, paixão e gratidão pela realização da partida.

Ao final do evento, compreendeu-se que o resultado dentro de campo era apenas um pano de fundo para todas as significações que o “jogo da paz” teve

naquele 18 de agosto e nos meses e anos de ocupação que se seguiram (Figura 37). Para os atletas da seleção brasileira, a mensagem que permaneceu foi verbalizada por Juninho Pernambucano à BBC Brasil: “O que importa é que por 90 minutos trouxemos alegria para este povo com tantos problemas” (CABRAL, 2004).

Para as autoridades haitianas, ficou o sentimento de gratidão e o entendimento de que o amistoso significava mais que apenas uma partida de futebol, como afirmou o presidente Alexandre Boniface: “Agradecemos profundamente este gesto do Brasil, que está trazendo grandes alegrias ao Haiti. Mas o mais importante para nós é ter a cooperação internacional de que o Haiti precisa para se desenvolver” (CABRAL, 2004). Já para o governo brasileiro, o sucesso de toda a operação realizada para o acontecimento da partida deixou ainda mais clara a dimensão poder simbólico que reside na cultura e, nesse caso, no futebol do Brasil. Esse poder brando é reconhecido pelo jornalista Patrice Dumont (O DIA [...], 2005):

Existe o *hard power* e o *soft power*. O Brasil simboliza o *soft power*. O Brasil é a potência mais perigosa no mundo, porque ela é capaz justamente de aprisionar um país através do *soft power*. Quando um exército vem brutalmente e se impõe, ele acaba sendo odiado. O Brasil é amado, o Brasil fascina, as praias brasileiras, as mulheres brasileiras, a música brasileira, a Bossa Nova, o samba, o carnaval brasileiro. Mesmo o candomblé brasileiro fascina

Como mencionado anteriormente, a consciência do governo brasileiro desse poder permitiu que ele utilizasse essa ferramenta para que a intervenção do Brasil no Haiti ocorresse de maneira mais “amigável” e com menor resistência, ao aproveitar-se das riquezas simbólicas do país para atingir seus objetivos na política internacional (Figura 38).

Figura 38 - Frame do documentário “O dia em que o Brasil esteve aqui”



Fonte: Pluto TV (2024)

4.5 A REPERCUSSÃO DO JOGO

Quando o governo brasileiro, liderado por Luís Inácio Lula da Silva, traçou sua estratégia e seus objetivos para a política externa do país, ficou claro que a ampliação das relações exteriores e a busca pelo protagonismo diplomático estavam no centro desse plano. A obtenção de um assento permanente no Conselho de Segurança da ONU seria a coroação de um processo de inserção do Brasil no núcleo do cenário global, permitindo que o país tivesse uma influência única que diminuiria a lacuna de poder entre o país latino-americano e as outras grandes potências já consolidadas no sistema internacional.

A tática do ministério das Relações Exteriores, sob comando do diplomata Celso Amorim, foi a de aproximação tanto com as potências que já possuíam o assento desejado, mas principalmente com a própria Organização das Nações Unidas. A tradicional diplomacia brasileira foi fundamental para a história da ONU, que teve Osvaldo Aranha como presidente da II Assembleia Geral da história do órgão, e tem o privilégio de fazer a abertura de todas as Assembleias desde então.

Durante essa nova aproximação, que visava ao Conselho de Segurança, o governo entendeu que uma participação mais ativa não só dentro da organização, mas também em suas missões militares, seria essencial para o bom desenvolvimento dessa candidatura.

A grave crise haitiana surgiu como uma oportunidade única para o Brasil pôr em prática seu plano e mostrar de vez que é um país apto a ocupar o tão almejado assento permanente. Como visto anteriormente, a população do Haiti já possuía, por causa do futebol e da ancestralidade negra, uma forte identificação com a cultura e com o povo brasileiro. A simpatia, admiração e até idolatria dos haitianos em relação aos brasileiros era evidente e, por isso, a perspectiva de sucesso em um potencial missão de paz no local era grande, uma vez que os soldados sul-americanos não teriam que enfrentar logo de início uma resistência tão dura da população local.

Com isso em vista, o governo brasileiro decidiu tomar a frente e liderar a chamada MINUSTAH e utilizar todas as armas à sua disposição para obter o sucesso necessário para atingir seu objetivo final.

Logo após a chegada das tropas brasileiras no Haiti, os soldados tiveram sua primeira prova da veneração existente no país em relação à seleção Canarinho. No

dia 25 de julho de 2004, ocorreu a final da Copa América de Futebol entre Brasil e Argentina, na qual os verdes e amarelos saíram campeões. Na ocasião, a população haitiana tomou as ruas em comemoração ao título brasileiro como se fosse seu, em uma festa que só poderia ser vista nas mesmas proporções em algumas cidades no território brasileiro.

A realização do “Jogo da Paz” é, acima de tudo, “uma peça de marketing incrível para aquilo que o governo queria e não obteve sucesso, que era o assento permanente no Conselho de Segurança da ONU” (SOBRÉ, 2006) conforme afirma Caíto Ortiz, diretor do documentário “O dia em que o Brasil esteve aqui” em entrevista ao jornal da USP. Apesar de não conquistar seu propósito maior, o evento produziu resultados extremamente positivos para o contexto prático da MINUSTAH.

Após o final da partida, o sentimento de euforia e êxtase era visível em toda a população que participou ativamente da festa. Os atletas e a comissão técnica brasileira demonstraram em suas entrevistas como o momento foi único e inesquecível para todos os envolvidos, como afirmou o lateral Roberto Carlos ao portal UOL: “Vou guardar essas imagens na memória”. Enquanto Zagallo e Ronaldinho exaltavam a festa dizendo, respectivamente, “Parecia que estávamos voltando do hexacampeonato. Que a luz daqui nos ilumine para o sexto título.”, “Foi uma festa muito grande. Foi como a volta do pentacampeonato” (BERTOLOTTO, 2004).

Para os jogadores da seleção haitiana, a derrota por goleada não foi nenhuma humilhação, pelo contrário, o orgulho de dividir o campo com seus ídolos pentacampeões mundiais conseguiu superar até mesmo a proposta feita pelo primeiro-ministro aos seus atletas mencionada anteriormente, conforme contou o zagueiro Jean Pierre: “Vai fazer falta, mas foi uma honra jogar com os campeões do mundo.” (BERTOLOTTO, 2004)

Outro exemplo do sentimento proporcionado pela visita da seleção brasileira foi representado pelo goleiro titular haitiano, Felon Gabard, que figura na capa de um jornal local defendendo um ataque protagonizado pelo maior astro do Brasil na ocasião, Ronaldo Fenômeno. A manchete que dizia: “Felon Gabard, goleiro do Haiti, recupera magistralmente a bola dos pés de Ronaldo” surpreende o jogador, que afirma: “É extraordinário. Essa foto, não sei quando ela vai se apagar da minha memória (Figura 39). No meu último minuto de vida na terra, vou lembrar dessa foto. Não só dessa foto, mas do jogo todo contra a seleção brasileira” (O DIA [...], 2005).

Figura 39 - Frame de Felon Gabard no documentário “O dia em que o Brasil esteve aqui”



Fonte: Pluto TV (2024)

Apesar da fugacidade da visita brasileira ter gerado certo desconforto em parte da população local, a imprensa brasileira, em contrapartida, entende que a vitória do Brasil ocorreu dentro e, principalmente, fora de campo. A ausência de protestos e a festa realizada pela torcida caribenha foram mais do que suficientes para que se entendesse que o “Jogo da Paz” cumpriu o seu papel, isto é, de *sportswashing*, um instrumento utilizado para ressignificar ações cometidas anteriormente ou que ainda serão executadas pelos atores em questão, que tiveram resultados prejudiciais para imagem dos mesmos frente à comunidade envolvida e a opinião pública internacional.

Os jornalistas que foram destacados para a cobertura da partida histórica chegaram e foram embora junto com a seleção Canarinho, o que contribuiu para que as matérias fossem positivas sobre o evento. Assim, o caráter de *sportswashing* do acontecimento não passou despercebido, como relatou o jornalista Rodrigo Bertolotto (2004) ao portal UOL, referindo-se ao presidente da CBF, Ricardo Teixeira:

Mas ele não tinha do que reclamar da peça publicitária montada pelo exército, presidência e CBF. As tropas brasileiras no Haiti tentaram ganhar para elas o carisma da seleção. Um símbolo disso é que a Taça Fifa, ganha no pentacampeonato, desfilou nas mãos de um soldado pelas ruas de Porto Príncipe. Até os patrocinadores da CBF e TV Globo pegaram carona no “marketing da paz”, com placas alusivas no estádio. Tanta propaganda serve para melhorar a imagem da CBF e do governo para os brasileiros, mas nesta quinta o Haiti vai amanhecer tão miserável quanto amanhã. Só resta, para eles, a realização do sonho de ter visto passar pela sua rua os ídolos que só conheciam pela TV e rádio.

No trecho retirado da matéria publicada na noite após a partida, podemos perceber mais uma camada de potência da utilização da seleção brasileira como ferramenta de *sportswashing*. Além dos claros objetivos citados previamente de conquista do povo haitiano e apaziguamento dos ânimos da população em relação às

tropas da MINUSTAH, a manobra do governo brasileiro também serviu para que a opinião pública do país sul-americano entendesse a intervenção em conjunto com a ONU como um ato de carinho, benevolência e caridade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho foi concebido a partir do interesse do autor sobre a importância do esporte no contexto das Relações Públicas Internacionais. Através de uma pesquisa bibliográfica e documental dedicada a cada etapa do seu desenvolvimento, buscou-se compreender como o governo brasileiro utilizou a seleção brasileira masculina de futebol como prática de *sportswashing* no amistoso contra o Haiti, em 2004, às vésperas do Brasil liderar a Missão das Nações Unidas para a estabilização no Haiti - MINUSTAH.

Para atingir tal objetivo, foi necessário apropriar-se de um arcabouço teórico que pudesse suportar uma análise crítica do objeto de estudo sob a ótica das relações públicas internacionais, do *soft power* de Joseph Nye (2004) e do próprio conceito de *sportswashing* a partir de outros exemplos contemporâneos de grandes proporções. Além disso, foi necessária a realização de um abrangente estudo e profundo levantamento sobre a história do Haiti para que fosse possível uma completa compreensão dos contextos histórico, social e econômico da sede do evento, permitindo uma análise mais clara.

O *soft power*, conceito cunhado por Joseph Nye (2004), é identificado, a partir de uma elaborada revisão bibliográfica, como um conceito guarda-chuva para uma série de práticas que tem como objetivo promover alguma melhoria na imagem de uma nação ou organização frente à opinião pública internacional. Um desses mecanismos é o *sportswashing*, que serve como um dos instrumentos de influência sobre a opinião pública no contexto das relações públicas internacionais.

A partir do estabelecimento da estrutura teórica mencionada anteriormente, buscou-se entender as motivações por trás do evento selecionado como peça central da pesquisa. Através de uma minuciosa investigação, entendeu-se que a realização do amistoso que ficou conhecido como “Jogo da Paz” em 2004, na cidade de Porto Príncipe, entre Brasil e Haiti, foi planejada e executada para amenizar a hostilidade da população local em relação às tropas brasileiras a serviço da ONU que iriam liderar a Missão de Paz das Nações Unidas pela Estabilização do Haiti. Ademais, o evento também foi planejado para melhorar a imagem do Brasil diante da comunidade internacional. Dessa forma, ambos propósitos configuram a partida entre Brasil e Haiti numa prática de *sportswashing*.

A riquíssima história haitiana revela um povo resiliente e forte que não hesita em enfrentar todas as adversidades que são impostas durante sua trajetória, sejam elas sociais, econômicas, políticas ou até mesmo naturais. Todas essas características permitem aos haitianos uma fácil identificação cultural com o Brasil, que é potencializado pelo passado escravocrata das duas ex-colônias. É nesse contexto que a seleção brasileira conquista o povo do Haiti ao faturar o título da Copa do Mundo em 1958 na Suécia, apresentando um futebol encantador, envolvente e bonito com uma equipe formado por uma maioria de atletas negros, capazes de subjugar as maiores potências da Europa sob a liderança de um jovem negro de apenas 17 anos. A partir desse momento, o amor dos haitianos pelo futebol e, conseqüentemente, pela cultura brasileira só aumenta a cada título conquistado.

O governo brasileiro, tendo em vista um antigo desejo de ser protagonista no cenário internacional, enxerga na crise humanitária e política do Haiti uma oportunidade de se posicionar como um ator ativo e influente na ONU através da MINUSTAH. Compreendendo todo o contexto mencionado anteriormente referente ao sentimento da população haitiana em relação ao Brasil, o presidente Lula e o ministério das Relações Exteriores, liderado pelo ministro Celso Amorim, decidem investir na liderança da operação militar das Nações Unidas.

Assim, como forma de abrandar a chegada do contingente fortemente armado do Exército brasileiro, suavizar o impacto simbólico da presença das tropas nas ruas e criar um sentimento de simpatia e, até mesmo, de gratidão em relação aos soldados e outros militares, o Palácio do Planalto opta pela realização de um amistoso entre a idolatrada seleção brasileira e a equipe nacional do Haiti, na capital Porto Príncipe.

Com a elaboração desta pesquisa, espera-se que os debates sobre a importância do esporte na política, sobre o poder da cultura brasileira e do futebol como ferramenta de persuasão possam ser renovados e estimulados na academia. Por fim, é de desejo do autor que o presente trabalho possa, também, servir como inspiração para o surgimento de novas reflexões sobre as inúmeras potencialidades e conseqüentes responsabilidades do Brasil como país soberano e protagonista no cenário político internacional.

REFERÊNCIAS

ADGATE, Brad. **Copa do Mundo: Catar gastou R\$ 1 trilhão, 20 vezes mais que Rússia.** Forbes, 15, nov.2022. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbes-money/2022/11/copa-do-mundo-fifa-2022-em-numeros/>. Acesso em: 21, jan. 2024.

ALMEIDA, R. A. .; PEREIRA, A. dos S. A. Ousadia e alegria: sportswashing e soft power do Catar através do futebol. **Revista do Departamento de Geografia**, [S. l.], v. 42, p. e203554 , 2022. DOI: 10.11606/eISSN.2236-2878.rdg.2022.203554. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rdg/article/view/203554>. Acesso em: 27 nov. 2023.

ANDRADE, Cândido Teobaldo de Souza. **Para entender relações públicas**. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

ANDRADE, Cândido Teobaldo de Souza. **Curso de relações públicas: relações com os diferentes públicos**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1994.

ANDRADE, E. O. François Duvalier e o bonapartismo haitiano. **Revista Dimensões**, Vitória, v. 35, p. 391-415, jul.-dez. 2015

ANDRADE, Everaldo de Oliveira. **Haiti: dois séculos de história**. 1. ed. São Paulo: Alameda, 2019.

ANDREASSA, Luiz. **As origens do amor dos haitianos pela Seleção e como ele foi usado na política**. Futebocracia, 2018. Disponível em: <https://futebocracia.com/2018/08/18/as-origens-do-amor-dos-haitianos-pela-selecao-e-como-ele-foi-usado-na-politica/>. Acesso em: 30, dez. 2023.

ARAÚJO, Marcos. **Hegemonia, operações de paz e o Brasil: Presença e atuação na MINUSTAH**. 2023. 183 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

BERTOLOTTO, Rodrigo. **Brasil não 'dá bola' para Lula e goleia Haiti por 6 a 0**. UOL, 18, ago. 2004. Disponível em: <https://www.uol.com.br/esporte/futebol/ultimas/2004/08/18/ult59u86739.jhtm>. Acesso em: 23, dez. 2023.

BRACEY, D.. O Brasil e as operações de manutenção da paz da ONU: os casos do Timor Leste e Haiti. **Contexto Internacional**, v. 33, n. 2, p. 315–331, jul. 2011.

BRASIL, Avio Arouca. Relações Públicas Internacionais. **Revista Comunicação e Relações Públicas**. São Paulo, julho de 1977.

CABRAL, Paulo. **Haitianos são goleados, mas fazem festa**. BBC Brasil, 19, ago. 2004. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/reporterbbc/story/2004/08/040819_jogopaulog. Acesso em: 03, jan. 2024.

LESSA, A. C.. História da Política Exterior do Brasil. **Revista Brasileira de Política Internacional**, v. 45, n. 1, p. 188–190, jan. 2002.

CLARKE, Joe. **Leaked UN report faults sanitation at Haiti bases at time of cholera outbreak**. The Guardian, Nova Iorque, 05 abr. 2016. Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2016/apr/05/leaked-un-report-sanitation-haiti-bases-cholera-outbreak>. Acesso em: 20, dez. 2023

- COLUCCIA, Giorgio; GIUSTINI, Federico. **Calcio di stato**. Roma: Ultra sport, 2022.
- COLÓRIO, A. A participação brasileira na Minustah e os efeitos na área de segurança pública. **Revista Perspectiva: reflexões sobre a temática internacional**, [S. l.], v. 9, n. 17, 2018. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaPerspectiva/article/view/69491>. Acesso em: 18 dez. 2023.
- CORBELLINI, Maria Dalalana. **Haiti: da crise à MINUSTAH**. 2009. 155f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
- CONN, D. **Revealed: government did encourage Premier League to approve Newcastle takeover**. Disponível em: <https://www.theguardian.com/football/2022/may/24/government-did-encourage-premier-league-to-approve-saudi-newcastle-takeover>.
- DANTAS, Guibson. **Relações Públicas Internacionais: quatro passos para uma reorientação da subárea**. In: XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste, 2023, Campo Grande. Anais do XXIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste. São Paulo: Intercom, 2023.
- DANTAS, Guibson. **Soft Power: tipologia de poder e Relações Públicas Internacionais**. In: XX Congresso de Ciências da Comunicação na região Norte, 2023, Boa Vista. Anais do XX Congresso de Ciências da Comunicação na região Norte. São Paulo: Intercom, 2023b.
- DELOITTE. **Deloitte Football Money League | Deloitte UK**. Disponível em: <https://www2.deloitte.com/uk/en/pages/sports-business-group/articles/deloitte-football-money-league.html>. Acesso em: 27 nov. 2023.
- DELOITTE. **Football Money League 2023**. Disponível em: <https://www2.deloitte.com/br/pt/pages/consumer-business/articles/Deloitte-Football-Money-League.html>. Acesso em: 27 nov. 2023.
- DE MORAES, I. A.; DE ANDRADE, C. A. A.; MATTOS, B. R. B. A imigração haitiana para o Brasil: causas e desafios. **Conjuntura Austral**, [S. l.], v. 4, n. 20, p. 95–114, 2013. DOI: 10.22456/2178-8839.35798. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/view/35798>. Acesso em: 12 dez. 2023.
- DIAS, Reinaldo. **Relações Internacionais: introdução ao estudo da sociedade internacional global**. São Paulo: Atlas, 2010.
- DINIZ, Eugenio. Peacekeeping and the evolution of foreign policy. In: FISHEL, J.; SAENZ, A. (Ed.). **Capacity-building for peacekeeping: the case of Haiti**. Washington, D.C.: Center for Hemispheric Defense Studies, National Defense University Press, 2007.
- DINIZ, Eugenio. **“O Brasil e a Minustah”**. Security and Defense Studies Review, Washington D.C, v. 5, n 1, 2005.
- ELY, Lara. **O estrago das tropas brasileiras no Haiti**. Instituto Humanitas Unisinos, 2017. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/571283-o-estrago-das-tropas-brasileiras-no-haiti>. Acesso em: 23, dez.2023.
- ESPN. **Sem negócio: fundo saudita desiste de compra bilionária do Newcastle**. Disponível em: https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_id/7227304/premier-league-fundo-saudita-desiste-compra-bilionaria-newcastle. Acesso em: 23 nov. 2023.

FARINELLI, Victor. **Haitianos pedem indenização da ONU por estupros na época em que general Heleno comandava forças de paz.** Forum, 09, out. 2020. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/global/2020/10/9/haitianos-pedem-indenizacao-da-onu-por-estupros-na-epoca-em-que-general-heleno-comandava-foras-de-paz-83907.html>. Acesso em: 27, dez. 2023.

FERREIRA, G. **A história do Haiti e sua relação com o Brasil: Proposta de uma sequência didática.** Ensino e aprendizagem em História: desafios contemporâneos. **Anais...** In: XVIII ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA DA ANPUH-PR. 2022.

FERREIRA, Yuri. **O que foi a Operação Punho de Ferro, que matou mulheres e crianças no Haiti e tinha Heleno como comandante.** Forum, 26, set. 2023. Política. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/2023/9/26/que-foi-operao-punho-de-ferro-que-matou-mulheres-crianas-no-haiti-tinha-heleno-como-comandante-144775.html>. Acesso em: 23, dez. 2023.

GORENDER, J. O épico e o trágico na história do Haiti . **Estudos Avançados**, [S. l.], v. 18, n. 50, p. 295-302, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9988>. Acesso em: 21 jan. 2024.

GUIMARÃES, B. G.; AMAZARRAY, I. O exercício do soft power: futebol e o caso brasileiro. **Revista InterAção**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 143–160, 2014. DOI: 10.5902/2357797512714. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/interacao/article/view/12714>. Acesso em: 19 dez. 2023.

JAMES, Cyril Lionel Robert. **Os jacobinos negros: Toussaint L"Ouverture e a revolução de São Domingos.** Trad. Afonso Teixeira Filho. 1ª ed. rev. São Paulo: Boitempo: 2010.

JOSEPH, W.; SILVA, G. **Análise da urbanização de Porto Príncipe no Haiti e suas relações com o meio ambiente.** Convergências entre Urbanização e natureza. **Anais...** In: ENANPUR. 2023.

MAIA, M. F. (ED.). **Sportswashing: O Esporte no meio das relações internacionais.** [s.l.] **Revista Pet Economia UFES.** v. 3 n. 2 (2023): Brasil em (Des)Construção, p. 9-100, 2023.

MAISONNAVE, Fabiano. **Premiê haitiano pede Ronaldo contra crise.** Folha de S. Paulo, 31, mai. 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u73203.shtml>. Acesso em: 28, dez. 2023.

MARQUES, Matheus Andrade; MACEDO, Jhony Frota. A Copa do Mundo FIFA (2022) como estratégia de consolidação de uma imagem: o contraditório caso do Catar. **PEGADA - A Revista da Geografia do Trabalho.** Presidente Prudente, v. 24, n. 1, p. 451–471, 2023.

NASCIMENTO REIS, . **ELOS ENTRE BRASIL E HAITI POR MEIO DO FUTEBOL:: UMA ANÁLISE DO FILME "O DIA EM QUE O BRASIL ESTEVE AQUI".** **Revista Espirales**, [S. l.], v. 7, n. 1, 2023. DOI: 10.29327/2282886.7.1-8. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/espirales/article/view/4201>. Acesso em: 21 jan. 2024.

NETO, Ricardo. **Tropa chega ao Haiti sem abrigo definitivo.** Folha de S. Paulo, 30, mai. 2004. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mundo/ft3005200401.htm>. Acesso em: 15, dez. 2023.

NYE, Joseph S. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. New York: Public Affairs, 2004.

O DIA em que o Brasil esteve aqui. Direção: Caíto Ortiz, João Dornelas. Brasil. Prodigio Films, 2005. DVD.

OLLEY, J. **Por que compra de R\$ 2 bilhões de clube da Premier League é tão controversa e polêmica**. ESPN. 7 de out. 2021 Disponível em: <https://www.espn.com.br/futebol/artigo/_id/9322717/por-que-compra-de-r-2-bilhoes-de-clube-da-premier-league-e-tao-controversa-e-polemica>. Acesso em: 27 nov. 2023.

ONU. **ONU aponta causas da epidemia do cólera no Haiti**. Organização das Nações Unidas, 05, mai. 2011. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/54885-onu-apoia-causas-da-epidemia-do-c%C3%B3lera-no-haiti>. Acesso em: 22, dez.2023.

PECHANSKI, J. **Duvalier, François Y Jean - Claude - Portal Contemporâneo da América Latina e Caribe**. Disponível em: <https://sites.usp.br/portalatinoamericano/espanol-duvalier-francois-y-jean-claude>. Acesso em: 15 dez. 2023.

PEREIRA, F. M. R. **Sports Diplomacy e a Prática de Sportswashing: Estudo de Caso da Arábia Saudita (2016-2022)**. Orientador: Andreia Soares e Castro. 2023. 82 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) - Universidade de Lisboa, Lisboa, 2023.

PINTO, S. R. Haiti: Aspectos Socio-Históricos Internos e Emigração. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas**, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 407–430, 2019. DOI: 10.21057/10.21057/repamv13n3.2019.24646. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/repam/article/view/24646>. Acesso em: 11 dez. 2023.

ROHTER, L. **Simone Duvalier, Haiti's "Mama Doc"**. Disponível em: <<https://www.latinamericanstudies.org/haiti/simone-duvalier.htm>>. Acesso em: 20 jan. 2024.

SILVA, Vanessa. **Estupros, cólera e 30 mil mortos: conheça o legado da Minustah no Haiti**. Brasil de Fato, São Paulo, 01, set. 2017. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2017/09/01/estupros-colera-e-30-mil-mortos-conheca-o-legado-da-minustah-no-haiti>. Acesso em: 27, dez. 2023.

SALLES, M. M. Em nome da solidariedade: antecedentes, fundamentos e desafios da atual intervenção na crise haitiana. **Revista Insolita**, [S.L], p. 1-21, jan. 2012.

SEITENFUS, Ricardo. **A ONU e a epidemia de cólera no Haiti**. São Paulo: Alameda, 2019.

SOBRÉ, Luiza. O “Jogo da Paz”. **Jornal da USP**, São Paulo, 02, mai. 2006. Disponível em: <https://www.usp.br/jorusp/arquivo/2006/jusp761/cinema.htm>. Acesso em: 15, nov. 2023.

SOUZA, Valquíria Gonçalves. **MINUSTAH: Abusos e Falta de transparência nas punições**. In: ENCONTRO VIRTUAL DO CONPEDI, 5., 2022, Florianópolis. Anais [...] Florianópolis: Conpedi, 2022. p. 250 - 268.

WOODING, Bridget, MOSELEY, Richard. **Necessaires, mas indésirables: les immigrants haitiens et leurs descendants en République Dominicaine**. Port

au Prince: Editions del'University d'Etat, 2009.
WORLD BANK. **World Development Indicators**. Disponível em: <<https://datatopics.worldbank.org/world-development-indicators/>>. Acesso em: 21 jan. 2024.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.